



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

**Interferência da Língua Kimbundu no Português
Falado em Kwanza Norte:
Alguns Casos no Município Sede Cazengo-Ndalatando**

João Lourenço Francisco António

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Estudos lusófonos
(2.º ciclo de estudos)

Orientadora: **Prof. Doutora Reina Marisol
Troca Pereira**

Co-orientador: **Prof. Doutor Paulo Osório**

Covilhã, junho de 2018

**Interferência da Língua Kimbundu no Português
Falado em Kwanza Norte:
Alguns Casos no Município Sede Cazengo-Ndalatando**

João Lourenço Francisco António

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Estudos lusófonos
(2.º ciclo de estudos)

Orientadora: **Prof. Doutora Reina Marisol
Troca Pereira**

Co-orientador: **Prof. Doutor Paulo Osório**

Covilhã, junho de 2018

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha família, em especial a minha esposa Graciete P. de Matos António e ao meu filho Salvador Loureço de Matos António, aos meus pais Lourenço Sebastião António e Antonica António Francisco, aos meus irmãos de sangue e os de afinidade, ao mais abreviado, toda humanidade.

Agradecimentos

Primeiramente, ao criador do universo, dador de todo conhecimento e causador de minha existência Jeová Deus, cujo nome significa ele causa o que venha a ser.

Aos meus tutores, Doutora Reina Marisol Troca Pereira, e Doutor Paulo Osório, que incansavelmente estiveram sempre prontos a lapidar o meu trabalho.

Ao corpo de professores da UBI-Universidade da Beira Interior, departamento de Letras, não deixando de salientar o preponderante papel que desenvolveu a diretora do nosso curso, Professora Doutora Cristina da Costa Vieira.

Ao ministério do ensino superior angolano, destacando a minha instituição de proveniência, Escola Superior Pedagógica do Kwanza Norte (ESP-KN) por ter sido privilegiado com o merecimento a uma bolsa de estudo do INAGBE. Agradecimentos extensivos ao governo Angolano e ao governo Português aos esforços e trabalhos que têm vindo a realizar de modos a beneficiar os seus cidadãos, feitos vivenciados num espírito de cooperação e estratégias mútuas, rumo ao desenvolvimento de povos unidos por laços veementemente indestrutíveis, assegurado e visível nos fatores históricos, socioculturais e linguísticos.

Índice

| | |
|---|-----------|
| Dedicatória..... | i |
| Agradecimentos | ii |
| Índice | iii |
| Índice de tabelas..... | iv |
| Lista de abreviaturas e siglas | v |
| Resumo | vi |
| Résumé | vii |
| INTRODUÇÃO | 1 |
| CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 3 |
| 1.1. Caracterização da região | 3 |
| 1.2. Situação linguística da região..... | 4 |
| 1.3. Conceito de língua 1ª ou materna e língua segunda..... | 5 |
| 1.4. Conceito de Bilinguismo | 10 |
| 1.5. Conceito de Interferência | 15 |
| CAPÍTULO II - AS INTERFERÊNCIAS | 21 |
| 2.1. Caracterização da Estrutura da língua Kimbundu | 21 |
| 2.2. Formação do Plural na língua Kimbundu..... | 27 |
| 2.3. Formação do Plural na língua portuguesa | 28 |
| 2.4. Interferências quanto a formação do plural | 30 |
| 2.5. Interferências quanto a concordância do gênero | 32 |
| 2.6. Interferência quanto a formação do diminutivo das palavras e o aumentativo | 34 |
| CAPÍTULO III - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS | 42 |
| 3.1. Natureza metodológica da pesquisa | 42 |
| 3.2. Apresentação dos dados do inquérito | 42 |
| 3.3. Apresentação e discussão dos resultados de cada pergunta inquirida | 43 |
| CONCLUSÃO | 59 |
| Contribuições do Estudo | 59 |
| Limitações do Estudo | 59 |
| Recomendações | 60 |
| Bibliografia | 61 |
| Apêndice | 63 |

Índice de tabelas

| | |
|--|----|
| Tabela 1: Resumo dos prefixos nominais ou classificadores da língua Kimbundu | 25 |
| Tabela 2: Consoantes da língua Kimbundu | 25 |
| Tabela 3: Vogais em Kimbundu..... | 26 |
| Tabela 4: Dígrafos em Kimbundu | 26 |
| Tabela 5: Estrutura silábica da língua Kimbundu | 26 |
| Tabela 6: Ilustração sobre a formação do plural..... | 28 |
| Tabela 7: Principais sufixos diminutivos portugueses. CUNHA e CINTRA (2001 [1985 ¹],p.91) <i>apud</i> SANTANA, Messias dos Santos (2017:43) | 34 |
| Tabela 8: Formação do diminutivo da língua Kimbundu | 35 |
| Tabela 9: Formação do aumentativo da língua Kimbundu. | 38 |
| Tabela 10: Quadro de Apresentação dos dados do inquérito | 43 |
| Tabela 11: Quadro ilustrativo da primeira questão..... | 44 |
| Tabela 12: Quadro ilustrativo da segunda questão | 46 |
| Tabela 13: Quadro ilustrativo da terceira questão | 47 |
| Tabela 14: Quadro ilustrativo da quarta questão | 48 |
| Tabela 15: Quadro ilustrativo da quinta questão | 50 |
| Tabela 16: Quadro ilustrativo da sexta questão..... | 51 |
| Tabela 18: Quadro ilustrativo da oitava questão | 53 |
| Tabela 19: Quadro ilustrativo da nona questão | 55 |
| Tabela 20: Quadro ilustrativo da décima questão | 56 |
| Tabela 21: Quadro ilustrativo da décima primeira questão..... | 57 |

Lista de abreviaturas e siglas

| | |
|----------------|---|
| C - | Concordo |
| D - | Discordo |
| ESP-KN - | Escola Superior Pedagógica do Kwanza Norte |
| GEP - | Gabinete Estatístico da Província |
| INALD - | Instituto Nacional de Angola de Línguas e Dialectos |
| L | Língua |
| L 2 | Língua segunda |
| L 2 | Língua segunda |
| L E | Língua Estrangeira |
| L. p | Língua português |
| P. a | Prefixo aumentativo |
| PT. | Português |
| P. n | Prefixo do nome |
| T. n | Tema nominal |
| Ø - | Morfema zero |

Resumo

Este trabalho tem como objetivo principal o estudo dos casos de interferência linguística entre a língua Kimbundu e a língua portuguesa no município do Cazengo - Ndalatando na província do Kwanza Norte, uma região de Angola. Abordamos o resultado advindo da convivência entre as duas línguas. Para a melhor execução do mesmo, usamos o método investigativo e descritivo linguístico.

Os resultados obtidos mostram que as descrições narradas acerca de situação linguística do município, isto é, a problemática da interferência da língua Kimbundu no Português falado em Kwanza Norte: alguns casos no município sede Cazengo - Ndalatando, não foram trazidas aleatoriamente. Antes porém, fez-se um trabalho de pesquisa de campo e recolha de dados documentais, o que transmite ao trabalho a veracidade científica que predispõe o rigor académico da atualidade.

É de ressaltar também que foram abordadas várias situações que estão diretamente envolvidas na questão do tema que nos propusemos a apresentar, tais como: a sociedade do município de Cazengo, sua origem, situação linguística, língua materna versus língua segunda até aos casos de Interferência linguística.

PALAVRAS - CHAVE: situação linguística, língua materna *versus* língua segunda, bilinguismo, interferência.

Résumé

Cet travail de recherche a pour objectif principal l'étude des interférences linguistiques entre la langue de Kimbundu et la langue portugaise dans la province de la ville de Ndalatando Cazengo - Kwanza Nord, une région de l'Angola. Nous approchons le résultat de la coexistence entre les deux langues. Pour la meilleure mise en œuvre de la même chose, utilisez la méthode linguistique d'investigation et descriptive.

Les résultats obtenus montrent que les descriptions rapportées sur la situation linguistique de la municipalité, autrement dit, le problème d'interférence de la langue Kimbundu en portugais parlé en Kwanza Norte : certains cas dans le siège du comté de Cazengo-Ndalatando, n'étaient pas présentée au hasard. Avant toutefois, champ de recherche et collecte de données, ce qui transmet au travail la véracité scientifique qui prédispose à la rigueur académique.

Et notant aussi qu'ont été adressé plusieurs situations qui participent directement à la question du thème que nous avons entrepris de présenter, tels que : la communion de la municipalité de Cazengo, votre origine, la situation linguistique, la langue maternelle, seconde versets de langue jusqu'en cas d'interférence linguistique.

MOTS-CLÉS: situation linguistique, langue maternelle, deuxième langue versets, bilinguisme, interférences.

INTRODUÇÃO

Existe uma relação entre povos e línguas quando partilham a mesma sociedade. O contacto de populações e línguas traz consigo fenómenos como a aculturação, tornando-a mais propensa a certos desvios do ponto de vista da cultura e da linguística, o que pode desencadear em casos de bilinguismo e Diglossia. Fergusson aborda a diglossia em pormenores que se assemelham a situação linguística do município em estudo:

“diglossia como uma forma de bilinguismo numa dada sociedade em que uma das línguas tem prestígio alto e outra baixa, ambas intimamente relacionadas”.
Fergusson (1972) *apud* SARAIVA, Arnaldo (2014:29)

Ndalatando é uma cidade construída e povoada por colonos portugueses, cuja língua trazida (portuguesa) era a língua usada nos seus tratos com a comunidade local que servia de trabalhadora. Nos arredores da vila viviam as comunidades nativas, alguns com um conhecimento quebrado do português porque serviam de mão-de-obra nas casas dos senhores colonos e o resto desconhecia totalmente a língua portuguesa tendo unicamente o domínio do Kimbundu língua local.

Desta aproximação entre as duas línguas e os seus povos abordaremos algumas situações curiosas do ponto de vista da diglossia e selecionaremos questões que facilitar-nos-ão apontar, trazer ao vulgo e dar um exato esclarecimento na área da sociolinguística sobre os casos de interferências.

É assim que, no primeiro capítulo, começamos por caracterizar a região, a situação linguística da região e alguns conceitos sobre língua 1ª ou materna e língua segunda, conceito de bilinguismo, o bilinguismo como (diglossia) e conceito de interferência.

No segundo capítulo, abordamos as interferências quanto à formação do plural, quanto a concordância do género e quanto à formação do diminutivo e ao aumentativo das palavras. E o terceiro, último capítulo, aborda a apresentação, análise e discussão dos resultados dos inquéritos.

Várias foram as situações que se desencadearam para que chegássemos à escolha do tema em estudo. Partindo do contacto direto e indireto com o município em estudo e seus habitantes, até à efetiva convivência conduziu-nos ao tema em estudo. Achamos que o esclarecimento desta matéria poderá conduzir os munícipes do Cazengo e não só a melhor compreenderem os problemas de interferência linguística da região. Sendo a língua Kimbundu e o Português as dominadoras da região andam estritamente ligadas e condenadas a viverem juntas por toda a eternidade na comunidade, isto é, considerando os traços culturais que as aproximam e os povos que as falam cujos laços transcendem à época da conferência de Berlim. Este estudo ajuda-nos a compreender e a dar o devido tratamento a cada língua sem estigmatizar uma delas.

O *corpus* do nosso trabalho é constituído por 198 questionários aplicados a um grupo de estudantes do 1º ao 4º ano do curso de Ensino da língua portuguesa da Escola Superior Pedagógica do Kwanza Norte (ESP-KN), usando o modelo de preenchimento, a fim de apurarmos os factos por nós levantados a cerca do tema em questão, e documentos científicos que abordam casos semelhantes a nossa temática.

Estas abordagens remetem-nos à seguinte indagação: como falar e escrever corretamente, evitando interferências? Esta questão conduz-nos aos seguintes objetivos: 1º - Implementar nos falantes o domínio correto das duas línguas (Português e Kimbundu). 2º - Criar interesse e gosto na correta aprendizagem das duas línguas nos falantes da região e mostrar aos falantes os benefícios a ter com o fluente conhecimento delas.

Para todo e qualquer processo investigativo, seja qual for o âmbito, exige obediência a padrões de tratamento que nos possibilitam a seguir uma regra inteligível e capaz de serem percebidos por todos aqueles a quem os mesmos se destinam. É nesta ordem de ideias que procuramos enquadrar o nosso trabalho num modelo de método que nos facilitaria a realização e execução do tema em abordagem.

A metodologia não é nada mais senão o processo investigativo com a finalidade de levantar conclusões e chegar à credibilidade científica que exige ser orientada por conjunto de normas necessárias para a formação de um trabalho com sentido e para satisfazer as expectativas inicialmente proposta pelo investigador. Quanto à metodologia, Lakatos e Marconi serviram-nos como guia no que diz respeito ao método indutivo, com as seguintes palavras:

“a indução é um processo mental por intermédio qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas. Portanto, o objetivo dos argumentos indutivos é levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam”. Lakatos e Marconi (2007:86) *apud* PRADANOV e DE FREITAS (2013:28).

O nosso caso trata-se de um trabalho descritivo linguístico. Para a análise e o devido tratamento dos dados utilizou-se o método investigativo de análise linguístico. Pelo facto de que concebemos a língua como uma entidade que deve ser estudada a partir dos seus elementos frásicos. Para a sua melhor efetivação apegamo-nos no modelo de pesquisa quantitativa e qualitativa de base interpretativa segundo, MOTA, Lopes (1994) citado por ROBLES (2016:54).

Para a efetivação desse trabalho também recorreremos aos conhecimentos adquiridos sobre Línguas e Literaturas Africanas, tendo sido um curso por mim frequentado durante a licenciatura no período compreendido entre 2005/2008 pela Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto em Luanda - Angola.

CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. Caracterização da região

O município do Cazengo, cuja capital Ndalatando é uma cidade pequena e linda. É o município sede da província do Kwanza Norte. Pela sua arquitetura é um postal da antiga administração colonial Portuguesa e primeiramente chamada pelo nome de “*Vila Salazar*”. Este nome é proveniente do ex-dirigente colonial Português, António de Oliveira Salazar. Ndalatando tornou-se o nome da vila já no período pós independência. A cidade era povoada por colonos Portugueses que desempenhavam trabalhos ao serviço de Portugal. Os arredores da vila (periferias) eram habitados pelos autóctones, ou seja, os povos da região.

O Kwanza Norte é uma das dezoito províncias de Angola. Tem 24.110 km² e cerca de 459.509 de habitantes¹. É limitado a norte pelas províncias do Uíge e Bengo, a sul pela província do Kwanza Sul, a este pela província de Malanje e a oeste pela província de Luanda. Com 10 municípios descritos por Banga, Bolongongo, Kambambe, Kazengo, Kamabatela Ambaka, Kikulungu, Ngulungu Alto, Ngongembo, Lukala e Samba Cajú. Localizada no interior noroeste de Angola, a província possui uma altura que vai aproximadamente dos 500 m a 1500 em relação ao nível do mar.

Devido à sua proximidade com a província de Luanda, Cazengo tem verificado, nos últimos, anos um crescimento da sua população um pouco acentuado. Este crescimento demográfico tem vindo a preocupar as autoridades na criação de infraestruturas sociais e formar técnicos em altura.

Quanto aos monumentos históricos, existe uma Igreja Católica na cidade cujo padroeiro S. João Batista que é a mais frequentada pela população, e conserva documentos de interesse público da região, desde a época colonial, até ao momento. Existe nos arredores da comuna sede, desde a época colonial, o centro botânico do Kilombo, um lugar que guarda um historial político, cultural e atualmente recreativo. Existe ainda a estação da Canhoca, nome que deu origem a um filme muito chamativo (o Comboio da canhoca) e que relembra parte da história angolana. Um outro monumento histórico é o morro da Santa Isabel. E ficam outros monumentos por descrever.

Ainda segundo o Governo provincial do Kwanza Norte, no seu documento, plano de desenvolvimento da província 2013-2017. A província está ligada a história do Reino do Ndongo, através do município de Samba Caju, território designado Matamba, onde viveu a mítica Rainha Njinga Mbande filha de Ngola, nos idos anos de 1650.

¹ Fonte: Até 2012 Gabinete de Estatística da Província (GEP).

1.2. Situação linguística da região

Os habitantes do Kwanza Norte são de maioria Kimbundu. Pertencem a etnia Ambundu, grupo etnolinguístico autóctone da região tal como referiu Mingas acerca do povo Luandense:

“O Kimbundu é a língua nacional mais falada na província de Luanda caminhando com a língua Portuguesa que é a língua oficial do país, fruto da colonização implementada por Portugal a esta parcela da África Austral” (MINGAS 2000:32).

O povo do Kwanza Norte pertence à família linguística bantu, segundo a árvore linguística de Green Mbergue. A população desta região autodenomina-se grupo etnolinguístico Ambundu e segundo os saberes difundidos oralmente entre alguns anciãos, a designação Ambundu como são conhecidos desde o século XIV refere-se aos populares súbditos do antigo reino do Ndongo.

Na decorrência de diferentes momentos da sua história de contacto com as frentes de colonização, a população sofreu em parte certa mestiçagem por parte de alguns povos colonos o que provocou uma situação de diglossia.

Nas áreas um pouco mais distanciadas da cidade de Ndalatando algumas crianças, mulheres e idosos falam unicamente a língua Kimbundu. Ocorrem também casos em que a língua Kimbundu passa por uma situação de desuso com domínio quase exclusivo da língua portuguesa por parte de crianças, jovens e pessoas de mais idade referindo-se das zonas urbanas e alguns bairros próximos, semelhança do que relata Amélia Mingas.²

Atualmente, alguns munícipes do Cazengo tem a mentalidade de que obter o bom conhecimento da língua Portuguesa e não falar a sua língua de origem granjeia-lhe destaque e boa posição social perante a comunidade e nas autoridades.

Uma parte dos cazenguenses nasceu no seio de famílias onde a língua L 1 (língua materna) é o Kimbundu. A aquisição da mesma acontece por via informal ou pela transmissão direta de pais para filhos.

Ainda que muitos prefiram o uso da língua portuguesa em detrimento da língua Kimbundu, a língua estará sempre presente no seio da comunidade através das cerimónias tradicionais tais como casamentos, funerais, nos atos religiosos e nos festivais tradicionais tanto na zona urbana como na rural.

O município do Cazengo está mergulhado numa situação de diglossia, segundo FISHMAN *apud* CARDOSO, tendo em conta o estatuto social das línguas em causa, Neste caso, a língua portuguesa e língua Kimbundu, para o Kwanza Norte - Município do Cazengo. A autora apegou-se ao pensamento de FISHMAN reforçando que a língua materna é considerada como

² “Para muitos dos colonizados, o bom conhecimento da língua Portuguesa era a condição de destaque para quem quisesse aceder a qualquer posição na sociedade colonial”. Interferência do Kimbundu no Português Falado em Lwanda. Campo das Letras - Editores S.A., (Mingas2000: 32).

sendo língua baixa, por ser a primeira aprendida e é utilizada em contextos informais. Nesta linha de pensamento posicionamos a condição da língua Kimbundu. E como língua segunda, a autora diz que é considerada como sendo língua alta por ser a língua que possui regras gramaticais mais complexas e cuja proficiência é condição para aceder aos bens sociais. A esta segunda situa-se a posição que ocupa a língua portuguesa no município do Cazengo, que é também língua materna de um número restrito de indivíduos da região (CARDOSO 2005:70).

Apesar da questão de identidade e da consciência nacional que a comunidade ganha cada vez mais sobre a importância da sua cultura, a realidade é que o Kimbundu ainda ocupa o lugar mais baixo em termos de prestígio em comparação a língua portuguesa. Como comprovativo, trazemos o facto da inserção da língua Kimbundu em fase experimental no sistema educativo nacional, e que apenas vigora em algumas escolas do município.

1.3. Conceito de língua 1ª ou materna e língua segunda

Segundo (FERRAZ 2007:20-21) o jornal faz um levantamento histórico, remontado ao século XIV, quando Nicole d'Oresme introduz no francês a locução "Langue maternelle" (língua materna). Para a autora, na sua origem, língua materna designava um nível inferior que se opunha ao latim que era considerada como língua do saber e do pensamento. Correspondia com a desvalorização da mulher, pois, o bom uso da língua era considerado língua do pai. Citando o mesmo jornal, a autora sublinha que a língua materna era a língua do não pensamento, do não poder, uma língua sem regras, rudimentar, desprezível, rejeitada, esmagada, pela língua máscula e nervosa do pai, guerreiro, sacerdote, filósofo, e matemático. Era o grau zero da comunicação humana.

A aquisição de uma língua materna obedece etapas de evolução da criança. Estas podem dividir-se em duas, a etapa pré-linguística e a etapa linguística. Cada uma das etapas com várias fases. Conhecimento trazido do pensamento de SAUSSURE (1992:34-35) que sublinha a língua como um conjunto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias adaptadas pelo corpo social para permitir aos indivíduos o exercício desta faculdade.

Uma vez que a língua é partilha de uma comunidade que admite as suas convenções e que pouco a pouco as modifica, conclui-se que a língua encerra em si um carácter evolutivo.

Assim podemos mais facilmente perceber por que razão a língua L 1 (materna) é uma língua que se adquire, por outras palavras, é adquirida desde que o indivíduo nasce. Para (TAVARES 2007:26), a língua materna desempenha um papel simbólico reforçando a identidade e permitindo estabelecer laços de pertença a uma determinada comunidade.

É unanime quando os linguistas dizem que o grupo social manifesta seu pensamento e sua visão do mundo por meio da sua língua. MARTINET (1970:9) confirma dizendo o seguinte: "O pensamento não existe sem a língua". Cogitando nas palavras de MARTINET absorvemos a

seguinte ideia: toda a manifestação do saber de uma comunidade ou grupo social depois da sua conceção no pensamento é exteriorizada por meio da língua que estes dominam.

DABÈNE (1994) citada por JESUS (2012:22), aponta variadíssimas noções para definir o termo língua. A autora começa por definir a língua materna como sendo um falar associado ao conjunto das potencialidades individuais dum sujeito e as práticas que daí surgem; a seguir define-a como sendo uma língua reivindicada, que engloba o conjunto de atitudes e de representações dum sujeito ou grupo no que respeita a língua como fator de identidade; numa outra definição, a língua materna é sublinhada como sendo uma língua descrita, relacionada com o conjunto de instrumentos heurísticos de que dispõe o aprendiz. Sublinhamos a materialização de todos os pontos evocados pela autora na problemática que trazemos acerca da língua materna para o município do Cazengo.

A língua materna é aquela que o falante adquire desde a infância e que constitui o instrumento com que a criança contacta com a comunidade e forma a sua visão sobre o mundo. Para CASANOVA (2009:173), A língua materna é, pois, geralmente a primeira língua a ser adquirida. Nunca é aprendida.

DUARTE *apud* SASSOMA (2015:3) entende a língua materna como língua natural de uma comunidade linguística, essencialmente é ela [língua] que as crianças nascidas nesta comunidade desenvolvem de forma espontânea, como resultado de aquisição da linguagem.

Ao encontro desta argumentação, MATEUS *apud* SASSOMA (2015:3) define de forma mais precisa a língua materna como aquela que a pessoa adquire naturalmente quando criança.

Entende-se por língua materna a primeira língua adquirida pela criança. É aprendida de maneira natural e inconsciente por imitação dos sujeitos falantes que constitui o círculo social mais próximo e que lhe fornecem um constante banho linguístico.

MACKEY (1992) considera a língua materna como aquela língua adquirida pela criança em primeiro lugar através de um processo natural, espontâneo e intuitivo, não exigindo que haja para tal um processo formal do ensino (SUISSE 2016:55).

GROSSO (2005) afirma que o conceito da língua materna “apela ao de língua da socialização, que por definição, transmite à criança a mundividência de uma determinada sociedade, cujo principal transmissor é geralmente a família (SUISSE 2016:55)³.

Nesta ordem de reflexões a respeito da língua materna, DEBÈNE (1994) pondera que a língua materna pode ser a língua da mãe, a língua do pai, a língua dos outros familiares, a língua da comunidade, a primeira língua adquirida, a língua com a qual se estabelece uma relação afetiva, religiosa e cultural, a língua do dia-a-dia, a língua predominante na sociedade, a língua de melhor *status* para o indivíduo, a língua que ele melhor domina, a língua com a qual ele se sente mais à vontade (SUISSE 2016:55)⁴.

Para MATEUS (2001), a língua materna de cada indivíduo contribui poderosamente para se reconhecer a si próprio e para ser reconhecido pelo outro. É na realidade um fator de

³ (Cf. GROSSO 2010: 63).

⁴ (Cf. ANÇÃO, 1999:2; CERQUEIRA e ANDRADE 2004:137).

interação cultural, mas no uso, e pelo uso, que dela faz o indivíduo no contexto em que está inserido e não apenas por pertencer a uma das várias comunidades que utilizam a mesma língua (JESUS 2012:23).

Se levarmos em conta toda a definição de língua materna, sublinhada por MATEUS *apud* JESUS (2012:23), quando diz que “*a língua materna é na realidade um fator de identificação cultural, mas no uso, e pelo uso, que dela faz o indivíduo no contexto em que está inserido e não apenas por pertencer a uma das várias comunidades que utilizam a mesma língua*”, podemos afirmar que parte dos munícipes do Cazengo, não têm a língua Kimbundu como sendo sua língua materna, por não fazerem o uso dela no seu dia-a-dia, e por acharem que ao fazerem, se tornam inferiores perante os falantes da língua portuguesa na comunidade. Esta situação tem levado ao desaparecimento da língua Kimbundu no seio das variadas franjas da comunidade: crianças, jovens e até mesmo muitos adultos. Diante desta situação, quase todos afirmam ter a língua Kimbundu como língua materna, uma vez que alguns, apenas, dominam a compreensão da língua, sem a capacidade de resposta, e outros, não possuem nenhum domínio sequer dela, por falta de interesse, e por preferirem com sendo melhor o uso da língua portuguesa, pelas vantagens que esta lhes proporciona em relação a língua materna de seus pais, nos tratos de utilidade social.

Para SPINASSÈ (2006:4), a língua materna caracteriza a origem do indivíduo e é usada, na maioria das vezes, no seu dia-a-dia. Continuando, a autora sublinha que a aquisição da língua materna é uma parte integrante da formação do conhecimento do mundo do indivíduo, uma vez que junto à competência linguística ele adquire também os valores pessoais e sociais. A autora reforça dizendo que a língua materna ou língua primeira, não é necessariamente, a língua da mãe, nem a primeira língua que se aprende. Tão pouco trata-se de apenas uma língua. Normalmente é a língua que aprendemos primeiro e em casa, através dos pais e também é frequentemente a língua da comunidade.

Para melhor percebermos, a autora traz, na sua abordagem, aspetos linguísticos e não linguísticos, inerentes a aquisição da língua materna ou língua primeira (L 1), tais como: a língua dos pais pode não ser a língua da comunidade - uma criança pode, adquirir uma língua que não é falada em casa, e ambas valerem como sua língua materna ou língua primeira (L 1), (SPINASSÈ 2006:4-5).

Tendo em conta todas as considerações referidas acerca da língua L 1 (língua materna) surge a seguinte questão: quando é que uma língua é segunda? Ou seja, o que é uma língua segunda?

Olhando para todas afirmações acerca da língua L 1 (materna), é-nos fácil fazer a distinção entre a língua L 1 (materna) e L 2. RICHARDS e SCHMIDT (2002) *apud* SASSOMA (2015:4) afirmam: “A língua segunda é qualquer língua aprendida depois da língua nativa (L 1 ou língua materna)”.

Devemos ter em conta que quando a língua segunda atinge o mesmo nível de exposição e utilidade social ou mais ainda em relação a língua L 1 (língua materna), ela pode

evoluir para língua materna de certos indivíduos da comunidade⁵. Visto nesse prisma, a língua Materna deixa de ser apenas a língua de origem da comunidade. Temos o caso da língua portuguesa em Angola sobre tudo na comunidade Ambundu que nestas últimas décadas tem vindo a sair de língua segunda para língua L 1 (materna) de muitos indivíduos, não por imposição coerciva de leis e de fiscalização como foi antes da independência, mas pela força do meio em que ela se impôs.

Para LOPES (2014:34) citando OLIVEIRA (2010), do ponto de vista sociolinguístico, é importante enfatizar o facto de que a língua materna é uma base muito importante para que a aprendizagem de qualquer outra língua se realize com sucesso, quer para crianças, quer para adultos. Na aquisição da língua materna (L 1), desenvolve-se importantes competências cognitivas que serão de grande utilidade na aprendizagem da segunda língua (L 2).

Não é possível falarmos de língua segunda sem associarmos a ideia de uma língua estrangeira, concomitantemente, não devemos confundir os papéis que ambas desempenham dentro das sociedades. BRUNFIT (1985), *apud* SUISSE (2016:61) elucida-nos, quando diz que a distinção entre ambas está relacionada com o *espaço*, onde se aprende a língua, o *uso* e a *utilidade* da mesma:

“A foreign language, in this more restricted sense, is a non-native language taught in school that has no status as a routine medium of communication in the country. A second language is a non-native language that is widely used for purposes of communication, usually as a medium of education, government, or business.”

Assim como BRUNFIT (1985), SHARWOOD (1994) e MIRANDA (1996) *apud* SUISSE (2016:63) afirmam a existência da distinção entre os conceitos de língua segunda e língua estrangeira. Os autores afirmam que a L 2 é um termo que habitualmente se usa para designar qualquer outra língua que não seja a L 1, aprendida por um sujeito ou grupo de sujeitos, cuja utilidade vai além da sala de aula, enquanto a língua estrangeira (L E) é aprendida no espaço de uma aula de línguas, em contexto formal. Para MIRANDA (1996), *apud* SUISSE (2016:63), a língua segunda (L 2) é a língua falada e escrita no contexto imediato do aprendente, ou seja, no meio “endolingue”, de modo a permitir ao aprendente a possibilidade de utilizar a língua considerada alta (L A) de forma regular e em situações autênticas de comunicações.

GROSSO (2005) *apud* SUISSE (2016:63) afirma que “ o conceito de língua segunda ocorre frequentemente como a língua que, não sendo materna, é oficial (ou tem um estatuto especial), sendo também a língua de ensino e socialização secundária”. Há, outros autores que consideram que é língua segunda desde que os aprendentes estejam em imersão linguística, num contexto em contato com os falantes nativos da língua que aprendem. Mais

⁵ Por isso, afirmar que atualmente a língua Kimbundu anda em mesmo pé de igualdade com a língua portuguesa no município do Cazengo é um erro estatístico, pois, o português somou e assumiu uma assimilação involuntária dentro da comunidade dando um salto de língua segunda para língua L 1 de muitos Ambundu.

adiante, língua segunda é também entendida como a segunda língua que, a seguir à língua materna, melhor se domina.

A afirmação de Grosso (2005), acerca de língua segunda, assemelha-se com o caso do português em Angola, onde a língua portuguesa vigora ao lado de varias outras línguas de caracter nacionais e maternas, como sendo a língua oficial de Angola e para todos angolanos. Os munícipes do Cazengo vivem esta realidade no que diz respeito a aquisição e o domínio da língua portuguesa. A língua portuguesa para os munícipes do Cazengo aparece ocupando um estatuto especial em relação a língua Kimbundu que é a materna da região. O português como língua segunda, para além de ser a língua oficial, também detém a hegemonia da escolarização, do sector de informação, política, comércio e religião.

STERN (1983), *apud* MAVRAK (2012:18) afirma que o termo língua segunda (L 2) deve ser aplicado para classificar a aprendizagem e o uso de uma língua não nativa dentro das fronteiras territoriais em que ela tem uma função reconhecida. Reforçando esta afirmação, no caso da língua portuguesa como língua segunda (L 2) para Angola, e sobre tudo para melhor entendermos a região do país que está sendo estudada neste trabalho, ANÇÂO (1999:15) acrescenta que uma língua segunda (L 2) tem um estatuto particular, ou é reconhecida como oficial em países bilingues e multilingues, nos quais as línguas maternas ainda não estão suficientemente descritas, ou ainda, com certos privilégios, em comunidades multilingues, sendo essa língua, uma das línguas oficiais do país.

NGALASSO (1992) *apud* SUISS (2016:63) sugere duas definições a cerca da concepção da língua segunda (L 2). A primeira, o autor baseia-se em critérios psicolinguísticos, e esta, está relacionada com a ordem pela qual a língua é adquirida, isto é, a língua segunda (L 2) é adquirida em segundo lugar após a língua materna ou língua primeira (L 1). A segunda concepção, o autor baseia-se em critérios sociolinguísticos, apontando para uma língua internacional, que desempenha funções sociais consideradas oficiais num dado país.

RICHARDS (1987) *apud* SUISS (2016:64) define a língua segunda (L 2) como sendo qualquer língua adquirida depois da língua primeira (L 1), Independentemente do estatuto dessa língua em relação ao aprendente ou ao país onde é ensinada. (Cf. OSÓRIO e FRADRIQUE 2008:3).

JESUS (2012:25) cita MAFALDA (2005) afirmando a língua segunda como aquela que é adquirida em segundo lugar, depois da língua materna, aquisição essa que acontece em contexto informal, por imersão numa comunidade linguística ou também em contexto formal, por via do ensino escolar e com maior frequência em ambos os contextos, mas em simultâneo.

MATEUS e VILELA (2007) *apud* JESUS (2012:26) afirmam que a língua segunda é a língua não materna da maioria dos falantes de uma certa sociedade ou grupos de imigrantes, língua essa usada como meio de escolarização e como língua veicular nas instituições administrativas e oficiais. Continuando, realça que a aprendizagem da língua segunda faz-se quase sempre no contexto escolar tornando possível a inserção do indivíduo no sistema sociopolítico dominante, sendo mesmo um fator de ascensão social.

1.4. Conceito de Bilinguismo

Atualmente, as sociedades identificam-se pela diversidade que as constituem nos seus vários domínios. De entre eles, destacamos o domínio da linguagem. A partir deste último surge o fenómeno do bilinguismo. VÁZQUEZ (2013) debruçasse acerca deste tema com as seguintes palavras:

“O bilinguismo é a capacidade de codificar e decodificar mensagens em duas línguas diferentes” (VÁZQUEZ 2013:29).

Segundo VÁZQUEZ, uma sociedade é considerada bilingue quando os seus integrantes possuem a capacidade de utilização individual de duas línguas diferentes. O autor afirma que, do ponto de vista da linguística sincrónica, o bilinguismo é sempre visto como resultado de situações de convivência de línguas. Do ponto de vista psicolinguístico, o “bilinguismo” tem um conceito centrado na individualidade, paralelo a “diglossia” remetente a um conceito sociolinguístico, que visa às atitudes e usos linguísticos, também individuais. Para a distinção de ambos, VÁZQUEZ apresenta da seguinte maneira: o bilinguismo é a capacidade de decodificar mensagens em duas línguas diferentes. E diglossia, como sendo a coexistência conflituosa, numa comunidade, de duas línguas que se definem uma como dominante e outra como dominada, em função dos seus respetivos usos sociais em cada comunidade (VÁZQUEZ 2013:29).

SAUNDERS (1988) *apud* CASSANGE (2016:20) diz o seguinte: “bilinguismo (...) simplesmente significa possuir duas línguas”.

SARAIVA (2014:27) define o bilinguismo, apegando-se nas definições de vários dicionários, tais como, o dicionário *Nouveau Petit Larousse*: o bilinguismo é a qualidade de um indivíduo ou de uma população bilingue; o bilinguismo é a qualidade de uma pessoa, de uma região bilingue. Dicionário Petit Robert; o bilinguismo é a aquisição simultânea de duas línguas. Referindo-se, também, ao dicionário dos fatos gramaticais, o bilinguismo é a capacidade de um indivíduo usar duas línguas distintas, como se ambas fossem a sua língua materna, optando por uma ou por outra conforme a situação social em que no momento se ache.

SARAIVA (2014:29) acrescenta que MATTOSO e outros autores definem bilinguismo de modo muito restrito, que só convém, se convier, à linguística, a qual reserva o nome de diglotismo (e poliglotismo), ou diglossia (e poliglossia) para os casos em que um indivíduo ou uma comunidade usam duas ou mais línguas, mas só uma como língua materna, mesmo que usem a (s) outra (s) com correção.

LOPES insta-nos a não partirmos para as definições do bilinguismo deixando para trás o pioneirismo de BLOOMFIELD e vários outros autores (LOPES 2014:16).

Segundo BLOOMFIELD (1935) *apud* LOPES (2014:14), o bilinguismo é o controlo nativo de duas línguas, sugerindo, portanto, o conhecimento perfeito de uma língua segunda (L 2); WEINREICH (1953) considera serem bilingues os indivíduos que manifestam a capacidade de usar alternadamente duas línguas, isto é, que não revelam dificuldade em centrar

espontaneamente a sua atenção nas línguas faladas; TITONE (1972) afirma que o bilinguismo é a capacidade de falar uma língua segunda (L 2) respeitando a sua estrutura formal e não parafraseando a língua primeira (L 1). Continuando, LOPES cita HAUGEN (1953) que considerou que o bilinguismo existe quando o sujeito é capaz de produzir frases completas e providas de sentido numa língua estrangeira (L E) ou língua segunda (L 2).

As definições de bilinguismo, enumeradas por LOPES, defendem um bilinguismo onde os sujeitos falantes devem ter o domínio perfeito de pelo menos duas línguas. Este não é o caso que queremos destacar no nosso trabalho. Mas trazemos para demonstrar os primeiros estudos realizados acerca do fenómeno do bilinguismo.

Dentre os autores enumerados por LOPES (2014), encontramos algumas definições que se adequam à realidade do nosso trabalho. Estes autores abordam o fenómeno do bilinguismo, de forma mais próxima das realidades da sociolinguística que se vive. Segundo LOPES, João são definições que abrem outras visões a respeito do bilinguismo, permitindo que deixemos de considerar o bilinguismo em termos absolutos, para passar a ser considerado de forma mais relativa, dependente de fatores como o tempo e a circunstância, e não apenas da proficiência linguística. É assim que LOPES, João cita MACKEY (2000) que também é mencionado mas adiante por MEGALE (2005).

LOPES, também cita HARMERS e BLANC (2000), afirmando que estes autores vão mais adiante na sua abordagem a respeito do bilinguismo, apresentando seis (6) considerações importantes, começando com a competência “relativa” que diz respeito ao nível de proficiência que o falante possui nas línguas faladas. Afirmando que pode existir bilinguismo balanceado, quando as competências reveladas ao nível da língua materna (L 1) são equivalentes às da língua segunda (L 2), e bilinguismo dominante, quando o indivíduo manifesta maior competência numa língua, geralmente na língua materna ou nativa; a seguir fala da “organização cognitiva”, que se prende com as representações cognitivas que o bilingue tem das traduções de determinados conceitos. Aqui HARMERS e BLANC apresentam-nos conceito de *bilinguismo composto*, onde o bilingue apresenta apenas uma representação cognitiva para as duas traduções equivalentes, e o conceito de *bilinguismo cordenado*, casos onde o bilingue apresenta distintas representações cognitivas para duas traduções equivalentes;

O terceiro ponto é o da “idade de aquisição das línguas”, caso que determina, em grande medida, o desenvolvimento de aspetos linguísticos, neuro-psicológicos, cognitivos e socioculturais. Neste ponto, de acordo com as diferentes ideias das línguas, distingue-se o *bilinguismo infantil*, que se divide em *bilinguismo simultâneo* - este denota-se quando o indivíduo bilingue aprende as duas línguas ao mesmo tempo, sendo exposto às mesmas desde o seu nascimento - e o *bilinguismo consecutivo* - apresenta-se quando o bilingue aprende uma segunda língua depois de ter adquirido as bases da sua língua materna (L 1), por volta dos cinco anos de idade. Além do *bilinguismo infantil*, os autores também mencionam o *bilinguismo adolescente* e o *bilinguismo adulto*, quando a aquisição da língua segunda (L 2) ocorre, respetivamente, durante a adolescência e durante a idade adulta;

O quarto ponto refere-se a presença ou não de indivíduos falantes da língua segunda (L 2) no ambiente social do bilingue trazendo consigo os conceitos de *bilinguismo endógenos* - destaca-se quando o sujeito usa as duas línguas como nativas na comunidade onde se insere, com ou sem fins institucionais. E o *bilinguismo exógeno* - dá-se quando as línguas são oficiais, sem fins institucionais;

O quinto ponto refere-se ao *status* atribuído às línguas levando-nos ao *bilinguismo* aditivo. Trata-se de casos em que as duas línguas são valorizadas pela comunidade e, portanto, a aquisição da língua segunda (L 2) não acarreta perda da língua materna (L 1). E ao *bilinguismo subtrativo* refere-se aos casos em que a língua segunda (L 2) é desvalorizada na comunidade onde o bilingue se insere, sendo que a sua aquisição acarreta prejuízo da língua materna (L 1);

O sexto ponto aborda a *identidade cultural do bilingue*, podendo verificar-se o *bilinguismo bicultural* - isto é, quando o indivíduo se identifica com as duas culturas adjacentes às línguas faladas. Um outro é o *bilinguismo monocultural* - é quando o sujeito identifica-se apenas com uma das culturas. Ainda o *bilinguismo cultural* - Distingue-se quando o sujeito renuncia aos valores culturais relacionados com a sua língua materna (L 1) e adota os valores dos falantes da língua segunda (L 2). E por último o *bilinguismo descultural* - manifesta-se quando o sujeito renuncia à sua identidade cultural e não consegue adotar os valores culturais relacionados com a língua segunda (L 2), (LOPES 2014:17-18).

PARADIS (1987), *apud* LOPES (2014), afirma que para o *bilinguismo*, os dois sistemas linguísticos, língua materna (L 1) e língua segunda (L 2), podem relacionar-se, quer porque se coordenam, quer porque se misturam, dando lugar a um terceiro sistema de armazenamento (um sistema linguístico resultante do cruzamento entre língua materna e língua segunda), o que justifica que o *bilinguismo* não pode ser totalmente coordenado ou composto. O autor conclui que a investigação contemporânea, acerca do *bilinguismo*, parece encara-lo como um fenómeno dinâmico, dependente de uma série de factores que vão muito além dos linguistas acima mencionados.

Do ponto de vista linguístico, o município do Cazengo prevalece no *bilinguismo* diglótico, uma situação linguística semelhante á dos restantes municípios do Kwanza Norte. No caso específico do município do Cazengo trata-se de uma situação linguística que engloba, por um lado, uma intersecção entre situações de diglossia do português como língua oficial para o Kimbundu, por outro, do português para as línguas estrangeiras. Esta última, tem surgido das atrações que o município tem demonstrado, nesta parte dos tempos, aos investidores estrangeiros.

LOPES (2014:66-67) cita LANE (2010) sublinhando que, a transmissão intergeracional de uma língua, não depende apenas da vontade dos locutores, mas também de uma série fatores que estes não podem controlar, como sejam aqueles que se relacionam com a economia, a demografia, a política ou as instituições.

WEINREICH (1953) e MATOSO (2003) *apud* CASSANGE (2016:20) definem o bilinguismo como sendo a prática de usar alternadamente duas línguas. MATOSO afirma: “Bilinguismo ou diglotismo é a propriedade que tem uma comunidade de falar duas línguas distintas”.

LOPES (2016:43) afirma que o bilinguismo é uma situação muito comum no mundo de hoje, corresponde ao conhecimento e uso de duas ou mais línguas por um indivíduo ou por uma comunidade. Para a autora, essa concepção implica a distinção comum entre bilinguismo individual e bilinguismo social, sendo o bilinguismo social um fenómeno de dimensão coletiva caracterizado pela existência de um número significativo de falantes bilingues na comunidade.

Olhando para os vários conceitos, conseguimos enquadrar a situação linguística da comunidade que estamos estudando. O caso dos munícipes do Cazengo enquadra-se na segunda concepção do bilinguismo apontada por Amália Maria Veracruz Lopes, o bilinguismo social, se bem que podemos encontrar também alguns casos de bilinguismo individual.

THOMASON *apud* LOPES (2016:43) define o bilinguismo social como a convivência de duas línguas numa mesma comunidade, por elas existirem em número significativo de falantes bilingues, ocorrendo um bilinguismo extensivo.

Do ponto de vista de THOMASON (2001) *apud* LOPES (2016:44) um país pode ser bilingue, multilingue etc. e a sua população ser monolíngue, do mesmo passo que dizer que um país é monolíngue, não quer dizer que todos os cidadãos deste país falem uma única língua e que todos os que vivem nesse tenham essa língua como nativa.

WEINREICH citado por DANIEL (2017:35) considera que o bilinguismo, no seu ponto mais abrangente, é o uso alternado de duas ou mais línguas. Também pode ser de uma língua e um dialeto ou de um crioulo.

CARDOSO (2005:65) afirma que considera-se bilingue um indivíduo que para além da sua língua materna possui uma competência linguística equivalente numa outra língua e que é capaz de utilizar uma ou outra em todas as circunstâncias com uma eficácia semelhante. A autora fala da competência bilingue de um indivíduo apontando a possibilidade de poder ser apenas passiva em relação uma das línguas, mas não uma capacidade suficiente para expressão. Ao definir a competência passiva de um indivíduo bilingue, CARDOSO (2005:67), cita HAGÈGE (1997:224) com as seguintes expressões: “ *a competência passiva é a capacidade de compreender tudo o que diz um interlocutor, sem estar, necessariamente em condições de falar a língua utilizada ... limita-se à descodificação dos enunciados recebidos.*”

A abordagem de CARDOSO (2005:67) citando HAGÈGE, assemelha-se, de alguma forma, com casos de falantes bilingues do município do Cazengo. É notório dentro da comunidade, situações de bilinguismo proveniente da consequência da utilização de duas línguas por parte de muitas famílias, com uma língua de preferência de pais para filhos. Verifica-se em focos onde cada língua oferece maior facilidade de utilização nos seus interlocutores. Esta situação acontece entre a língua portuguesa, para alguns, e a língua Kimbundu para outros, o que faz com que muitos falantes da língua portuguesa ou da língua Kimbundu limitem-se simplesmente em ter a capacidade de compreender uma ou outra

língua dos pais sem a capacidade de responderem, sendo obrigados a utilizarem a língua que melhor dominam.

Ainda na mesma linha de pensamento, CARDOSO (2005:68), cita HAGÉGE (1997) debruçando-se sobre o bilinguismo, no que tange a competência ativa, com as seguintes expressões: “*a competência ativa do bilingue é aquela que se desenvolve tanto na emissão como na recepção, ou seja, o indivíduo é capaz de compreender e de se expressar nas duas línguas*”.

No entanto, segundo CARDOSO (2005:68), A competência bilingue é individual e é desenvolvida de acordo com as necessidades de cada um. A autora continua dizendo que, quando o meio familiar é estimulante e favorável, os resultados são geralmente bons, mas quando a situação é inversa e não se domina convenientemente as línguas envolvidas, a mistura e a insegurança linguística são geradoras de conflito, uma vez que a criança não aprende corretamente nenhuma das línguas, e fica litada no seu léxico, na sua criatividade e na sua capacidade de produzir, tornando-se duplamente incompetente e conseqüentemente, muitas vezes duplamente marginalizada uma vez que não domina nem a língua materna da família nem a língua veicular do país dele, neste caso, enquadrados os munícipes do Cazengo, o que tem desencadeado para um linguajar sobre carregado de interferências.

Para GROSJEAN (1982:52) *apud* CASSANGE (2016:20) é perfeitamente normal encontrar bilingues que somente leem e escrevem em uma das línguas, mas que possuem fluência oral reduzida na língua que só usam com um número restrito de pessoas, ou que são capazes de discorrer sobre apenas um assunto particular em uma das línguas.

BARKER e PRYS (1998) e Li wei (2000), *apud* MEGALE (2005:2) concordam na argumentação de que o termo *bilingue* basicamente pode definir indivíduos que possuem duas línguas. Mas devem-se incluir entre estes, indivíduos com diferentes graus de proficiência nessas línguas e que muitas vezes fazem uso de três, quatro ou mais línguas.

MAKEY (2000) *apud* MEGALE (2005:2-3) traz o mesmo pensamento quando afirma que, ao se definir o bilinguismo deve-se ter em conta quatro questões que ele as descreve da seguinte forma:

- O grau de proficiência, ou seja, o conhecimento do indivíduo sobre as línguas em questão deve ser avaliado. Dessa forma, o conhecimento de tais línguas não precisa ser equivalente em todos os níveis linguísticos. O indivíduo pode, por exemplo, apresentar vasto vocabulário em uma das línguas, mas, nela apresentar pronúncia deficiente;
- A função e o uso das línguas, isto é, as situações, nas quais o indivíduo faz uso das duas línguas, também devem ser objeto de estudo ao conceituar o bilinguismo;
- A alternância de código. Deve-se estudar como e com qual frequência e condições o indivíduo alterna de uma língua para outra;
- A Interferência. Para a classificação correta do bilinguismo deve-se estudar como uma língua influencia a outra e como uma interfere na outra. Fenômeno conhecido por interferência linguística.

Estas considerações conduzem-nos a um melhor entendimento acerca de situações de bilinguismo e diglossia, onde o falante depara-se com interferência, ou seja dificuldade comunicacional, por razões de desconhecimento das estruturas das línguas, e vê-se obrigado a usar elementos das duas línguas para completar a comunicação. O nosso trabalho analisa, de forma cuidada, grupos bilingues que têm demonstrado no seu uso normal da língua situações de interferências.

1.5. Conceito de Interferência

O uso da palavra «interferência» no ramo da linguística ocorreu na primeira metade do século XX com os trabalhos de SANDFEL e JAKOBSON, apresentados no IV congresso internacional de linguística em Copenhaga 1936. CASSANGE, António (2016:28).

MINGAS (2000:59) *apud* DANIEL (2017:18) define interferência como uma convergência linguística no âmbito das interações idiomáticas.

O conceito que se debate, no ponto um ponto cinco, constitui o problema que trazemos como base do nosso estudo, e procuramos através dos pressupostos linguísticos analisar e explicar as ocorrências dos casos por nós selecionados.

Para André MARTINET (1980:171) a interferência é um fenómeno do contacto de línguas, que ocorre quando existe uma convivência entre povos, cujos sistemas de comunicação são diferentes. Para MAKEY (2003:48) a interferência é a utilização de elementos de uma língua, quando falamos ou escrevemos numa outra língua. Ainda para REIS (2006:45) a interferência são os desvios à norma de cada uma das línguas que se produzem no discurso dos bilingues ou plurilingues como resultado da familiaridade com mais do que uma língua (COSTA 2015:79).

WEINREICH (1968) *apud* MONTEIRO (2010:59) definiu a interferência como um desvio da norma de alguma das línguas utilizadas na fala dos Bilíngues. Ou seja, é a influência de uma língua sobre outra, produzindo nesta última estrutura agramaticais.

Reforçando o pensamento de WEINREICH (1953), NGUNGA (2012:9) menciona que a interferência pode acontecer tanto através da presença de traços de uma língua materna na língua não materna, como através de traços da língua não materna na língua materna do falante. O que desencadeia numa situação de bilinguismo e ao mesmo tempo de interferência.

WEINREICH (1953) *apud* ROBLES (2016:40) considerou a interferência como casos de desvio das normas de qualquer uma das línguas presentes na produção linguística de indivíduos bilíngues, e, sobretudo na circunstância de que um traço alheio se introduz em um código ou no uso que se faz desse código. O autor acrescentou, dizendo que a interferência se apresenta em duas fases, isto é, interferência na fala e interferência na língua. A interferência na fala produz-se no momento da situação comunicativa dos indivíduos bilingues; Ao passo que, a interferência na língua, é a interferência integrada no sistema que

não pertence unicamente da fala dos indivíduos bilingues, mas que se incorpora, também, na fala dos indivíduos monolíngues.

GAMARDI (1983) *apud* MONTEIRO (2010:59) afirma que a interferência pode dar-se nos níveis lexical, gramatical e fonológico. Para GAMARDI, o léxico é, porém, o componente mais afetado.

Segundo os conceitos dos autores acima, as interferências que são verificadas nos municípios do Cazengo na Província do Kwanza Norte enquadram-se com mais frequência no nível lexical, morfológico e segue-se os outros níveis. O município do Cazengo caracteriza-se linguisticamente como sendo bilingue e diglótico. A língua Kimbundu exerce uma considerável influência sobre a língua portuguesa ao nível do léxico desencadeando em grandes marcas de interferências.

CHICUNA (2014:112) citado por DANIEL (2017:18) defende que por meio do fenómeno de interferência surgem unidades lexicais novas, que obviamente inovam quer a fonética e a morfologia, quer a sintaxe das línguas interconectadas.

De acordo com o pensamento de CARDOSO (2005:97-98), As interferências entre as línguas em contatos podem ocorrer entre ambas. A língua materna sofre as influências da língua alvo (segunda) ou vice-versa, pelo facto de os seus falantes julgarem que se tornam melhores em termos de estrutura, de vocabulário, tendo em conta o favorecimento e o prestígio que a língua lhe apresentar.

Para o município do Cazengo, referindo-se aos falantes que possuem a língua Kimbundu como língua materna (L 1) e o português como língua segunda, destaca-se com mais notoriedade as interferências lexicais e morfológicas, com maiores acentuações para o diminutivo e o aumentativo dos nomes, a concordância do género e a inversão do plural, para além de várias outras que apresentam-se com pouca densidade no seio da comunidade. Ao longo da nossa abordagem, propriamente no capítulo dois, apresentaremos como se processam estas interferências em cada aspeto morfológico referenciado.

Para as interferências lexicais segundo CARDOSO, caracteriza-se pelo empréstimo de formas ou palavras de uma língua que são introduzidas na outra, por falta de domínio, desconhecimento ou insegurança em relação a outra língua. No decorrer do nosso trabalho, constam algumas palavras da língua Kimbundu, nos quadros apresentados no capítulo dois, exemplos fidedignos de interferências lexicais da língua Kimbundu no português falado em Cazengo, província do Kwanza Norte.

Exemplo: a palavra **Kambuta** é um empréstimo usado na região para se referir a palavra portuguesa no diminutivo **baixinho**. “*O marido dela é Kambuta*”. Em vez de dizer, na forma correta da língua portuguesa, *o marido dela é baixinho*.

“*O meu **kandenge** está em casa*”. A palavra em negrito é um empréstimo, diminutivo da língua Kimbundu, para se referir ao correspondente em português de **irmãozinho**.

“*Ele tinha associação com uns **monangamba***”. Em vez do português correto, “*ele tinha associação com os **desgraçados***”.

“Não tardará a tonar-se num **Kangamba**”. Em vez da palavra portuguesa “*Pequeno servente*”, que equivale ao termo Kimbundu (*Kangamba*).

“Os meus **kotas** já conversaram muito com ele”. O termo **kota** origina-se do nome da língua Kimbundu (*dikota*-singular) e (*makota*-plural). A palavra **Kota** refere-se às pessoas de mais idade, pode ser irmãos, pais, ou outros membros da comunidade. Para o português correto seria: “os meus mais velhos já conversaram muito com ele”.

Amanhã será o **komba** do avô dele. O termo **komba** refere-se ao “*varrer das cinzas*” na língua Kimbundu. O correto seria: amanhã será o “*varrer das cinzas*” do seu avô.

Os termos da língua Kimbundu, apresentados nos exemplos acima, são umas das poucas amostras de casos de interferências lexicais usadas em substituição das suas correspondentes no português falado no município do Cazengo, província do Kwanza Norte e em quase toda extensão da área geolinguística do território angolano onde encontra-se o convívio linguístico entre a língua Kimbundu e a portuguesa. É bem claro, no que constatamos nestes casos de interferências, de que o ponto máximo deste desvio do código centra-se na mensagem usada, uma vez que tem muito a ver com a oralidade, e não com o código escrito da língua portuguesa. Nota-se uma liberdade do ponto de vista da oralidade no português falado no município do Cazengo, fruto de uma adaptação de léxicos da língua Kimbundu disponível no repertório linguísticos dos falantes do município sobre uma indisponibilidade ou estranheza de certas palavras da língua portuguesa.

Segundo NGUNGA (2012:8), citando HOCH (1991), a interferência linguística pode definir-se como fenómeno que consiste na utilização numa língua de traços característicos de uma outra língua devido a incapacidade de o sujeito falante produzir corretamente um som, uma palavra, uma frase da língua não materna (L 1), ou na atribuição de uma palavra, expressão ou frase, de um sentido que faz lembrar a tradução literal de algo análogo na língua materna. O autor continua dizendo que, trata-se de um fenómeno que tem eminentemente motivações externas, isto é, que ocorre em situações de contacto de língua sobretudo na fase inicial da aquisição de uma língua não materna.

A interferência enquanto um fenómeno linguístico resultante do contacto direto entre línguas é uma consequência de diversos fatores externos a citar: políticos, económicos, sociais, culturais e psicológicos. Com repercussões de adaptação, integração e reestruturação linguísticas inevitáveis, dentro de um contexto diacrónico e sincrónico da língua. ALMEIDA (2001:24). O autor continua abordando que uma análise dos fenómenos de interferência deve ter em consideração a própria situação de contacto entre as línguas em estudos. Para ALMEIDA, os fenómenos de interferência devem ser analisados num cenário psicológico e sociocultural vasto. Ele afirma que, para tal, é necessário haver um tratamento mais exato das condições em que uma influência (de uma língua para outra) se torna possível e os seus modos de funcionamento (ALMEIDA (2001:26).

ALMEIDA, José (2001:30) afirma que de um modo geral, o contacto ou interferência interlinguística depende sempre do tipo de relações extralinguísticas, consoante haja uma maior ou menor dependência económica, cultural ou social entre as línguas em causa.

Para o autor, ALMEIDA, José (2001:45) o tipo de interferência mais comum nas línguas em contacto, não envolve, porém, uma transferência pura e simples dos elementos. O autor salienta que, o fenómeno de interferência pode afetar, igualmente, expressão e conteúdo, e pode ser analisado, com maior eficácia, em termos estruturais se se partir do princípio de que as unidades básicas da expressão e do conteúdo - os fonemas e os semantemas - forem definidos no interior de cada língua pela oposição com outros fonemas ou semantemas dessa língua. Para melhor nos elucidar, ALMEIDA exemplifica da seguinte forma: Uma letra ou grupo de letras assume em línguas diferentes valores fonémicos diferentes, contudo, em determinadas produções discursivas é possível identificar tais valores como iguais. Ele diz que, a semelhança física acaba por induzir o falante a produzir discursos em que esses fonemas são passíveis de identificação interlinguística.

Continuando no pensamento do autor, para uma avaliação do impacto que uma língua tem sobre a outra, faz-se a análise dos discursos dos utilizadores, e precisamente, é necessário medir e comparar as quantidades e níveis de influência nos diferentes domínios atingidos, assentados, portanto, numa base descritiva. Permitindo, desta forma, avaliar a direção da interferência da seguinte maneira: “a língua materna (L 1) não tem qualquer influência na fonémica da língua segunda (L 2), mas atinge o seu vocabulário; por outro lado, a língua segunda (L 2) influencia o vocabulário e parte da gramática da língua primeira (L 1)”. Mas, descrevendo as várias formas que pode assumir e quantificar tal frequência (ALMEIDA 2001:45).

Segundo MENEZES (2010) a interferência linguística pode acontecer, muitas vezes, no linguajar de pessoas que não dominam nem a língua portuguesa nem a sua língua materna. Continuando com o parecer a respeito da interferência, o autor afirma que, quando se trata de interferência do tipo transferência linguística, essa interferência, por vezes, não conhece o grau académico do falante. Pois, a interferência da língua materna sobre a língua segunda (L 2) ocorrem sempre em todos os níveis da língua, de forma gradual, sendo o lexical o mais frequente na medida em que, tanto num pequeno elemento linguístico, como o fonema, como num maior, como o sintagma, transmitem-se, gradualmente, através do elemento lexical.

MENEZES trouxe-nos um pormenor muito evidente na sociedade moçambicana, que é paralelo ao caso da comunidade que nos propusemos a estudar, quando se referiu ao seguinte: se questionarmos acerca da fala de grande parte de moçambicanos urbanos, escolarizados, pertencentes a uma classe alta, média e privilegiada, encontramos algumas marcas que justificam a interferência das suas línguas maternas sobre a língua segunda. Nesta abordagem, a L 1 refere-se às línguas bantu faladas nestas regiões sobre a L 2 representada pela língua portuguesa que se posiciona como língua oficial e segunda dos mesmos. Segundo o autor, as marcas que justificam a interferência, verificam-se nos seguintes pontos: marca de

mudança linguística que, através do tempo, tende a marcar território, marcas de concordâncias inadequadas à regra correta da língua portuguesa, introdução de um léxico de origem das suas línguas maternas e de outras línguas de menos uso. As marcas de interferência, destacadas por MENEZES, são de fácil visibilidade, quando olhamos para o falar português em Angola, na província do Kwanza Norte, município do Cazengo-Ndalatando. Os exemplos que se seguem espelham, em grande parte, a realidade das línguas em exercício da comunidade.

Exemplo; a palavra **Kamba** da língua Kimbundu, que significa **amigo** em português, é usado com muita frequência no português falado no Kwanza Norte. “*O meu kamba está doente*”, em vez de: “*o meu amigo está doente*”;

A “*minha mãe que me nasceu*” não vive cá. Em vez de: a minha “*mãe*” não vive cá. A primeira frase é carregada de interferência da língua Kimbundu. Na língua Kimbundu usa-se o termo (**manyitu wangivalela**), traduzido “*minha mãe que me nasceu*”, para distinguir a mãe biológica das outras mulheres adultas da comunidade, uma vez que, a cultura atribui o papel de mãe a todas mulheres adultas e exige que sejam respeitadas como que se trata-se da mãe biológica de cada indivíduo. Assim como para as mulheres adultas, aplica-se, também, aos homens adultos da comunidade o mesmo valor cultural, atribuindo-lhes o papel de pai. Para que haja a distinção do pai biológico diz-se: **Phayitu wangivalale**, traduzido, “*meu pai que me nasceu*”. Em vez de simplesmente “*meu pai*”;

Amanhã irei à escola do meu “filho de homem⁶”. Em vez de: amanhã irei à escola do meu “filho”;

Qual deles, o mais velho ou o “filho pequeno”? Em vez de: qual deles, o mais velho ou o “menor”? (cf. P. 28 deste trabalho).

Nestes exemplos, verifica-se o processo de transferência linguística, ou seja, trata-se de influências trazidas por meio de unidades linguísticas da língua Kimbundu, para língua portuguesa, apoiando-se nas ideias de SPINASSÉ (2006:348).

Para SPINASSÉ (2006:348), o termo “interferência” entende-se, primeiramente, como influência trazida através de um processo de transferência. O autor reforça a sua ideia, ao afirmar que, a interferência é o resultado de um processo de transferência.

SPINASSÉ (2006:349) informa-nos que os termos “erros” e “interferência” não devem ser vistos como sinónimos. Para ele, interferências são fatores linguísticos e pragmáticos, que influenciam o aprendizado de uma língua de forma positiva ou negativa. Basta olharmos para os exemplos acima expostos, que nos depararemos com expressões do tipo que asseguram as ideias do autor.

O nosso trabalho relaciona-se num ponto afluído por ROBLES, Ana (2016:40), Quando classifica a interferência linguística a partir dos diferentes pontos de vistas, mencionados por OVERBEKE (1976). A autora focalizou o seu trabalho numa das dez relações binárias de OVERBEKE, discriminada por interferência interlinguística e interferência intralinguística. De

⁶ Para o melhor esclarecimento desta ocorrência consulte a página 28 deste trabalho, sobre o tema interferência quanto a concordância do género.

igual modo nos cingimos na primeira, que é a interferência interlinguística, onde os aprendizes (neste caso tratamo-los de os munícipes do Cazengo) utilizam elementos da língua materna (L 1) na produção linguística da língua segunda (L 2).

OVERBEKE (1976) *apud* ROBLES (2016:40) definiu a interferência interlinguística como sendo aquela que ocorre quando os aprendizes utilizam elementos da língua materna na produção linguística da língua estrangeira. E sublinhou a interferência intralinguística como sendo aquela que ocorre quando os aprendizes apresentam dificuldades e problemas de aprendizagem de regras da própria língua estrangeira.

ROBLES salienta que não existe unidade de critérios para a classificação das interferências, alegando que, por tratar-se de um fenómeno que envolve muitos fatores. Mas que, no entanto, existe um ponto em comum entre as classificações apresentadas por diversos autores. Uma vez que direta ou indiretamente, as interpretações sobre as interferências apresentam relação com a divisão metodológica do sistema linguístico em quatro níveis básicos, descrevendo-os como: nível fonológico, nível semântico, nível sintático e o ortográfico. Continuando, ROBLES, salienta que os níveis linguísticos não são compartimentos estanques. A autora realça que, a língua é dinâmica e, em consequência, os fenómenos linguísticos, como a interferência, atravessam continuamente as fronteiras entre uma e outra língua. O que impede de afirmar que as interferências linguísticas ocorrem unicamente em um nível linguístico, uma vez que, na maioria dos casos, existem implicações em mais de um nível. Para sustentar esta abordagem, ROBLES cita BAETENS (1986) *apud* HERNÁNDEZ (1998:62) que afirmou não sendo uniforme a fronteira entre a morfologia, a sintaxe e o léxico, porque, as vezes, as interferências só podem ser explicadas cruzando as barreiras entre os distintos níveis da análise linguística (ROBLES 2016:41).

Tal como para o caso do trabalho apresentado por ROBLES, o nosso trabalho, também, analisa as interferências linguísticas, a partir dos casos de desvio da norma linguística da língua portuguesa que veicula como língua segunda (L 2) e oficial para os munícipes do Cazengo. No que diz respeito ao emprego de elementos impróprios e inadequados, sobretudo à língua portuguesa, importados da língua materna da região em estudo. Ao nos propormos à realização deste estudo, fizemo-lo, tendo em vista a fornecer conhecimento reais de mais uma variação do falar português dentro do município e apresentar os fatos como fenómenos em estudado que contribuirá para um melhor aprendizado e melhoramento de ambas as línguas na comunidade.

CAPÍTULO II - AS INTERFERÊNCIAS

2.1. Caracterização da Estrutura da língua Kimbundu

Para a escola de praga e para o estruturalismo americano, a língua é um sistema, é abordada como um sistema de relações, mais precisamente, como um conjunto de sistemas entreligados cujos elementos (sons, palavras etc.) não têm nenhum valor independente das relações de equivalência e de oposição que os ligam. Para estes estudiosos, cada língua apresenta um sistema gramaticalmente implícito e comum aos locutores da mesma.

Segundo estudos feitos por linguistas que se dedicaram no estudo das línguas africanas a sul do Sara, a língua Kimbundu encontra-se situada no grupo linguístico Bantu H 20 na classificação de GUTHRIE, Malcom (1967).

A língua Kimbundu tem uma estrutura interna que o constitui para que seja possível realizar frases e garantir a sua própria execução. Para melhor compreensão, trazemos os critérios estruturais da língua:

Segundo NGUNGA (2004:50-52), *apud* SASSOMA (2015): para a língua Kimbundu, Os indicadores do género são prefixos por meio dos quais os nomes distribuem-se em classes que vai de 1 a 19; - As classes, por sua vez, estão associadas em pares que são singular e plural de um género⁷; - Para a formação da frase, quando uma palavra tem o prefixo inicial (PN), prefixo nominal, como indicador de classe, toda a palavra a si subordinada deve concordar com este. A presença do prefixo inicial ao restante das palavras subordinadas denomina-se (PD) ou prefixo de concordância; - Para a questão do género, a língua não possui qualquer categoria semântica claramente definida para tal.

Um prefixo nominal é catalisador de todos acordos e, é presente em todas as circunstâncias. Os prefixos nominais regem o funcionamento tanto para o singular, quanto para o plural e o sentido de concordância em todas as línguas Bantu.

Os classificadores da língua Kimbundu Variam quanto a sua numeração por cada estudioso de acordo com as suas correntes linguísticas. Segundo PERES (2006), a língua Kimbundu abarca dezoito prefixos ou classes de palavras, que subdividem-se em catorze nominais, uma verbal e três locativas que passamos a descrever-las:

– **Classe 1** (singular) é representada pelo prefixo **mu**, este serve para referir-se aos seres humanos. Como exemplo temos: mutu (pessoa), muhatu (mulher), mujito (visita), mukunji (embaixador ou messias), muloji (feiticeiro). Quanto ao plural, a **classe 1** faz com a **classe 2**.

⁷ Há alguns casos na língua Kimbundu de nomes que representam o singular, mas o prefixo é plural de outra classe. Estes nomes realizam o seu plural com a classe 10. Também encontramos prefixos isolados, somente no singular, sem uma classe par. Estes prefixos para realizar o seu plural devem retroceder à classe 6 e 10. Como exemplos: **classe 6 mako** (singular) refere-se a mão, faz o plural com a **classe 10 jimako**; **classe 11 lumwenu** (singular) refere-se a espelho, faz o plural com a **classe 6 malumwenu**; **classe 14**, prefixo singular u (uhaxi), refere-se a doença, faz o seu plural com a classe 6 mawuhaxi.

A **Classe 2** (plural) é representada pelo prefixo **a**, como exemplos temos: atu (pessoas), ahatu (mulheres), ajitu (visitas), mukunji (embaixadores ou messias), alóji (feiticeiros);

– **Casse 3** (singular) é representada pelo prefixo **mu**, também serve para indica nomes de pessoas, partes do corpo humano e animal, plantas, criaturas místicas, astros e vários objectos. Para exemplificar: muzangala (jovem, rapaz), mwiyi (ladrão), mwibhi (feio), mukolo (corda), mwixi (árvore), muxitu (selva), mukawu (selva serrada), mukixi⁸ (ser místico), mwanya (sol), mudya (tripa), mukila (cauda), muxima⁹ (coração e o fígado), muzumbu (lábio), mujinji (cú ou âno), mulembu (dedo), mutwe (cabeça), mukoto (cotovelo). Para o plural, a **classe 3** faz com a **classe 4**.

A **classe 4** (plural) é representada pelo prefixo **mi**. Exemplos: mizangala (jovens, rapazes), miyi (ladrões), miyibhi (feios), mikolo (cordas), mixitu (selvas), mikawu (florestas), mikixi (seres místicos), midya (tripas), mikila (caudas), mixima (corações ou fígados), mizumbu (lábios), mijinji (cús ou ânos), milembu (dedos), mitwe (cabeças), mikoto (cotovelos).

– **Classe 5** (singular) é representada pelo prefixo **di**, também serve para indicar alguns nomes de humanos e seres místicos, nomes qualquer, vários objectos, astros, animais e partes do corpo. Exemplos: diyala (homem, rapaz), dikamba (amigo), dikota (mais velho), ditombola¹⁰ (alma penada), dilonga (prato), dibhito (porta), dibhya (campo de lavoura, lavra), ditemo (enxada), dikalu (carro), dihonjo (banana), dyeji (lua na sua fase inicial), dinongwena (Camaleão), Dibengu (rato de casa), Dizalala (centopeia), Dibhuku (Coelho), diwindu (pulga), dibhuka (barriga), dilembe (ventre), ditwi (orelha), dizulu (nariz), dikoxi (nuca), ditama (bochecha), dibhala (testa, também significa calvície), dyeso (olhos), Esta classe tem o seu correspondente para o plural, a **classe 6**.

A **classe 6** (plural) é representada pelo prefixo **ma**. Exemplos: mayala (homens, rapazes), makamba (amigos), makota (mais velhos), matombola (almas penadas), malonga (pratos), mabhito (portas), mabhya (campos de lavouras ou lavras), matemo (enxadas), makalu (carros), mahonjo (bananas), meji¹¹ (luas na sua fase inicial), manongwena (Camaleões), mabengu (ratos), mazalala (centopeias), mabhuku (Coelhos), mawindu (pulgas), mabhuka (barrigas), malembe (ventres), matwi (orelhas), mazulu (narizes), makoxi (nucas), matama (bochechas), mabhala (testas ou calvíces), meso (olhos).

⁸ criatura mística do povo ambundu, meio humano, meio animal.

⁹ coração figurativo para os ambundu, usa-se mais para expressar sentimentos e nas artes. O termo **muxima** é propriamente nome do fígado em Kimbundu, pois, para estes povos, o fígado é o órgão mais importante do corpo por causa da sua função de purificador do sangue que vai circulando pelo corpo todo.

¹⁰ Crença popular do grupo etnolinguístico Ambundu, para explicar o estado da pessoa na morte. Há uma forte acreditação dentro do povo, que nem toda partida à morte são resultadas da lei natural da vida, Para a cultura Ambundu, muitas pessoas são vendidas à morte para outra vida no submundo e são submetidas ao trabalho forçado e maltratos. A estes a crença chama de Ditombola (alma penada).

¹¹ Porque **meji** em vez de **maeji**? A língua Kimbundu tem um padrão de escrita que não permite a junção ou encontro entre duas vogais, para evitar o que poderia ser considerado como caso de erro de escrita, usa-se uma semivogal antes da vogal seguinte. Em casos de palavras onde verifica-se o encontro das vogais (**a**) e (**e**), por não existir semivogais que correspondem a estes sons, a primeira vogal deve ser suprimida pela segunda. Exemplo: ma+eji = m' +eji = meji.

– **Classe 7** (singular) é representada pelo prefixo **Ki**, serve para indicar nomes de pessoas e lugares, substantivos abstratos, partes do corpo, objectos, faz o aumentativo dos nomes e também serve para pejorar. Temos como exemplo: kilumba (moça, rapariga), kinema (deficiente), kijibhanganga (assassino), kingulungumba (inimigo), Kidimacaji (trabalhador), kithadi (quintal), kitanda (praça ou mercado informal), Kitembo (vento), Kinama (perna), kisuxi (ombro), Kyala (unha), kitadi (dinheiro), kinu (pilão). A **classe 7** faz o seu plural com a **classe 8**.

A **classe 8** (Plural) é representada pelo prefixo **i**. Exemplos: ilumba (moças, raparigas), inema (deficientes), ijibhanganga (assassinos), ingulungumba (inimigos), idimakaji (trabalhadores), itahadi (quintal), itanda (praças), itembo (ventos), inama (pernas), isuxi (ombros), iyala (unhas), inu (pilões).

– **Classe 9** (singular) é representada pelas seguintes letras que se colocam no início do radical nominal desempenhando a função de prefixo: f, h, i, k, m, n, o, ph, s, t, th, x, z¹². Serve para indicar nomes divinos de animais e abstratos, partes do corpo, objectos e astros. Exemplos: Nzambi (Deus), Nzumbi (espírito), moma (jiboia), nzamba (elefante), hoje (leão), ingo (onça), sanji (galinha), haxi (doença), nzaji (faísca), phuna (joelho), ongo (cérebro), xingu (pescoço), thulu (peito), fixe (chafariz, poço, ou torneira), fundanga (pólvora), phoko (faca). O seu plural é feito com a **classe 10**.

A **classe 10** (Plural) é representada pelo prefixo **Ji**. Exemplo: Jinzambi (deles), jinzumbi (espíritos), Jimoma (jiboias), jinzamba (elefantes), jihoji (leões), Jyingo (onças), jisanji (galinhas), jihaxi (doenças), jinzaji (faíscas), jiphuna (joelhos), jyongo (cérebros), jixingu (pescoços), jithulu (peitos), jifixi (chafarizes, poços e torneiras), jifundanga (pólvoras), jiphoko (facas).

– **Classe 11** (singular) é representada pelo prefixo **lu**. Serve para indicar partes do corpo, objectos e astros. Exemplos: lukwako (braço), lwinya (rolo de costura), lungoji (corda pequena), lumwenu (espelho), lweji (lua minguante). A **classe 11** é isolada, não tem par como as outras classes, por esta razão, o seu plural é feito com as classes **6** e **10**. Exemplo: malukwako (braços), jilwinya (rolos de linha de costura), malungoji (cordas pequena), malumwenu (espelhos), jilweji (luas minguante).

– **Classe 12** (singular) é representada pelo prefixo **ka**. Serve para indicar o diminutivo dos nomes e realização da negação. Exemplo: Kabhulu (coelhinhos), kamona (filhinho), Kadikalu (carrito), Kanzo (casinha), Kambonga (criancinha) Kakitadi (dinheirinho). Para fazer o seu plural, a **classe 12** junta-se a **classe 13**.

¹² A classe 9, para a língua Kimbundu, segundo os escritos dos estudiosos que se adiantaram nestas pesquisas, somenete nos apresenta a letra (**I**, **N** e **M**) como representantes dela. As restantes letras, que aparecem descritas acima como sendo representantes da classe em alusão, são frutos de estudos feitos por nós ao longo do tempo que passamos na academia, frequentando a licenciatura no curso de *Línguas e Literaturas Africanas* na *faculdade de letras* da (UAN 2005-2012). Para a língua Kimbundu, a classe 9 é a única classe com vários indicadores para o prefixo singular, isto acontecesse porque ela transporta na sua constituição um morfema zero (Ø) antes do tema nominal, o que lhe permite ser identificável pelas letras iniciais do seu tema nominal. Eis a razão da identificação e colocação das letras apontadas por nós acima como sendo parte dos classificadores da classe em abordagem.

A **classe 13** (plural) é representada pelo prefixo **tu**. Exemplos: tubhulu (coelhinhos), tumona (filhinhos), tudikalu (carritos), tunzo (casitas), tumbonga (criancinhas), twitadi (dinheirinhos).

– **Classe 14** (singular) é representada pelo prefixo **u**. Serve para indicar substantivos abstratos e outros, e objectos. Exemplos: uhaxi (doença), uta (arma), ubhika (escravos), usai (namorado). A **classe 14**, também é isolada, não tem par como as outras classes, por esta razão, o seu plural é feito com as classes **6** e **10**. Exemplo: mawhaxi (doenças), mawta (armas), mabhika (escravos), jisai (namorados).

– **Classe 15**, representada pelo prefixo **Ku**, serve unicamente para indicar o infinitivo dos verbos, por esta razão, não apresenta distinção como as outras classes quanto ao singular e plural. Exemplo: Kutanga (lêr), Kudya (comer), kuzeka (dormir), kwenda (andar), kubalumuka (acordar), kukina (dançar), kudilonga (estudar), kwiza (vir), kuya (ir), kubhana (dar), kudituna (negar), kujina (rejeitar), kuta (meter, por), kukuta (amarrar), kukukuta (secar), kufunga (pastorear), etc.

– **Classe 16**, representada pelo prefixo **bh**, é uma classe locativa. Serve para indica lugar externo, proximidade ou distancia, encima de algo e também direção. Exemplos: bhabha, (aqui), bhana (ali), bhanaa (alí), bhobho (aqui), bobha (cá, aqui).

– **Classe 17** (locativa) é representada pelo prefixo **ku**. Serve para indica lugar externo, proximidade ou distancia, encima de algo e direção. Exemplos: Kuku (aqui), kuna (ali), kunaa (alí).

– **Calasse 18** (locativa) é representada pelo prefixo **mu**. Serve para indicar lugar interno. Exemplos: mu dikalo (dentro do carro), monzo (dentro de casa), mu dyulu (no céu). Não há duvidas, como se pode ver, a língua Kimbundu possui características que o notabiliza dentre as outras línguas bantu, e muito mais ainda com as restantes língua existentes. Mas para baixo apresentamos o quadro ilustrativo dos classificadores ou prefixos nominais.

| Prefixos nominais ou os Classificadores do Kimbundu | | Exemplos | |
|---|------------------------------|-------------------|------------------------|
| | | Kimbundu | Português |
| 1- singular | mu | mukalakadi | trabalhador |
| 2- plural | a | akalakadi | trabalhadores |
| 3- singular | mu | mulundu | montanha |
| 4- plural | mi | milundu | montanhas |
| 5- singular | di | dikanda | pata |
| 6- plural | ma | makanda | patas |
| 7- singular | ki | kituxi | pecado |
| 8- plural | i | ituxi | pecados |
| 9- singular | f,h,i,k,m,n, o,ph,s,t,x,z | ndungu | pimenta |
| 10- plural | ji | jindungu | pimentas |
| 11- singular | lu | Lwoso | arroz |
| 12- singular | ka | kandenge | Pequenino/criancinha |
| 13- plural | tu | tundenge | Pequeninos/criancinhas |
| 14- singular | u | ulaji | Maluquice |
| 15- infinitivo | ku | Kumatuka | atravessar |
| 16- locativo | bh | bhobha | aqui |
| 17- locativo | ku | kunaa | alí |
| 18- locativo | mu | mu nzo dya kusaka | Dentro do hospital |

Tabela 1: Resumo dos prefixos nominais ou classificadores da língua Kimbundu

O alfabeto da língua Kimbundu, segundo o Instituto Nacional de Línguas (INALD 1980:65), é constituído por vinte e seis grafemas que passamos a descrever:

– Alfabeto: a, b, c, d, é, f, ng, h, i, j, k, l, m, n, ny, o, ph, s, t, th, u, v, w, x, y, z.

Vinte e um grafemas do alfabeto são utilizados para a escrita das consoantes, vogais e semivogais. E cinco dígrafos, que completa o número do alfabeto, são usados à escrita das consoantes oclusivas. Três oclusivas aspiradas que são (bhe, phe e th), uma oclusiva pois-nasal (ng) e uma nasal palatal (ny).

O sistema fonológico da língua Kimbundu, das consoantes e vogais segundo o Instituto Nacional de Línguas (INALD 1980), é representado nos seguintes quadros ilustrativos:

| CONSOANTES | | | | | |
|------------|---------|---------|---------|--------|--------|
| Oclusivas | Surdas | ph | t th | k | |
| | | b bh | d | (ng) | |
| Fricativas | Sonoras | | f v | s z | ʃ ʒ |
| Lateral | | | l | | h |
| Semivogais | | w | | y | |
| Nasais | | m | n | ny | |

Tabela 2: Consoantes da língua Kimbundu

| | | Vogais Não Arredondadas | | Vogais Arredondadas |
|---------------|--------|----------------------------|----------|------------------------|
| | | Anteriores | Centrais | Posteriores |
| Fechadas | Breves | i | | u |
| | Longas | | | |
| Semi Fechadas | Breves | | | |
| | Longas | | | |
| Semi Abertas | Breves | e | | o |
| | Longas | | | |
| Abertas | Breves | | a | |
| | Longas | | | |

Tabela 3: Vogais em Kimbundu

Para Castro (2004:34), na articulação da voz há duas classes de fonemas: Vogais e consoantes. As vogais ou sons vocálicos são produzidos por uma simples emissão da voz, não havendo na cavidade bucal nenhum obstáculo à passagem do ar, ao contrário do que acontece às consoantes. Continuando, as vogais são representadas por cinco letras: - a, e, i, o, u, - Para o autor na realidade há mais do que cinco vogais tendo em conta que as letras ou grafemas são apenas representações escritas dos sons ou fonemas, e cada, pode representar mais do que um som ou fonema. É pelo timbre que se descodifica a intensidade das vogais, podendo ser abertas, médias ou fechadas. A exemplo da ilustração do quadro acima.

| Dígrafos | Pronuncia | Exemplos | Tradução |
|----------|------------------|------------|-------------------|
| ng | [Ngu/to] | nguto | colher |
| mv | [Mvu/la] | mvula | chuva |
| ph | [Pha/ta] | phata | Dúvidas |
| nd | [Ndu/le/ndu//le] | ndulendule | fel |
| mb | [Mba/sa] | mbasa | Bengala ou muleta |
| nz | [nzu/ngu] | nzungu | ventosa |
| nt | [ntu/mbu] | ntumbu | Umbigo |

Tabela 4: Dígrafos em Kimbundu

Os dígrafos, tal como o próprio termo indica «dupla grafia» são duas letras que representam um único fonema como nos mostra o quadro acima. A seguir trazemos o quadro da estrutura silábica da língua Kimbundu:

| Símbolos | Significados | Exemplos |
|----------|-----------------------------|--------------------------------|
| VC | Vogal - Consoante | Uta (arma), atu (pessoas) |
| | | Ongo (cérebro), ingo (onça) |
| CV | Consoante - Vogal | Menya (água), kina (dança). |
| | | Nguzu (força), kuzula (despir) |
| C S V | Consoante semivogal e vogal | Mwanya (sol), mwenyu (vida) |
| | | Kwenda (andar), lwoso (arroz) |

Tabela 5: Estrutura silábica da língua Kimbundu

Como podemos observar no quadro acima, a estrutura silábica da língua Kimbundu é constituída desta forma: (CV) ou (VC) consoante vogal ou vogal consoante e (CSV) referindo-se em consoante-semivogal-vogal.

2.2. Formação do Plural na língua Kimbundu

A formação do plural na língua Kimbundu, Segundo SASSOMA citando Valente, é feita através da prefixação. O processo de formação do plural descreve-se na colocação de prefixos nominais ao radical correspondente (SASSOMA 2015:30).

Assim para a língua Kimbundu, os nomes se agrupam num certo número de classes que se colocam no seu princípio para dar-lhes a noção de Singular ou Plural e, recebem o nome de prefixos nominais ou classificadores.

Para Daniel Peres, os prefixos nominais são os catalisadores de todos acordos em todas as línguas do grupo bantu e são presentes em todas as circunstâncias. Para a língua Kimbundu, os prefixos nominais regem o funcionamento tanto para o singular, quanto para o plural e o sentido de concordância nas frases (PERES 2006:6)¹³.

Pois o quadro que se segue ilustra com maior precisão as formas de construção do plural da língua:

¹³ PERES, Daniel. - Apontamento de Morfologia das Línguas Nacionais Africanas. Universidade Agostinho Neto, Faculdade de Letras. 2006, p. 6, - 2ª Parte: A morfologia propriamente falada. Os classificadores das Línguas africanas.

| Classes e Marcas do singular | | Classes correspondentes e marcas do plural | | Exemplos | |
|------------------------------|---------------------------|--|-------|-----------------------|------------------------|
| | | | | Singular | Plural |
| 1 | mu | 2 | a | Mulongexi (professor) | Alongexi (professores) |
| 3 | mu | 4 | mi | Mulonde (ponte) | Milonde (pontes) |
| 5 | di | 6 | ma | Dikanu (boca) | Makanu (bocas) |
| 7 | ki | 8 | i | Kyezo (vassoura) | Isoneku (vossouras) |
| 9 | f,h,i,k,m,n, o,ph,s,t,x,z | | | Fundanga (pólvora) | Jifundanga (pólvoras) |
| 11 | lu | 10 e 6 | Ji/ma | Lukwako (braço) | Malukwako (braços) |
| 12 | ka | 13 | tu | Kanjila (passarinho) | Tunjila (passarinhos) |
| 14 | u | 10 e 6 | Ji/ma | Ufunu (profissão) | Jifunu (profissões) |

Tabela 6: Ilustração sobre a formação do plural

2.3. Formação do Plural na língua portuguesa

Quando falamos de singular, estamos a falando de tudo aquilo que refere-se a um único elemento, enquanto o plural consiste naquilo que é composto por mais de um elemento.

Para a língua portuguesa, o plural é a classe gramatical numeral que expressa as variáveis formadas por dois elementos em diante. A língua portuguesa apresenta uma regra de formação do seu plural muito diferente da língua Kimbundu. Para as regras de formação do plural em Português é-nos guia de base a visão de Cunha e Cintra (1999:181-186) e Estrela (2012:74-80), citados por Sassoma, que as descreve da seguinte forma:

– Os substantivos terminados em vogal ou ditongo para formar o plural acrescenta-se a letra **S** ao singular. Ex: burro s. / burros pl, carro s. / carros pl,

A mesma regra serve para ditongos como: boi s. / bois pl, pai s. / pais pl, lei s. / leis pl, herói s. / heróis pl;

– Os substantivos terminados em **n**, **r**, **s** e o **z**, para formar o plural acrescenta-se **es** ao singular. Ex: Sênior s. / senhores pl, Deus s. / deuses pl, raiz s./ raízes pl, caracter s. / caracteres pl.

Há isenção tanto para o singular como para o plural para certos substantivos uniformes tais como: o/os lápis, o/os alferes, o/os cais;

– Os substantivos terminados em **ão** formam o plural de três maneiras:

- Em **ões**. Ex: balão s. / balões pl, canção s. / canções pl, coração s. / corações pl, nação s. / nações pl, tendão s. / tendões pl, Leão s./ leões pl, pião s. / piões pl, limão s. / limões pl, mamão s. / mamões;

- b) Em **ães**. Ex: Pão s. / pães p, capitão s./ capitães p, escrivão s./ escrivães p, alemão s. / alemães p, catalão s. / catalães pl, cão s. / cães pl, bastião s. / bastiães pl;
- c) Em **ãos**, Ex: cristão s. / cristãos pl, Irmão s./ Irmãos pl, pagão s./ pagãos pl, bênção s./ bênções pl, cidadão s. / cidadãos pl.

OBS: alguns substantivos terminados em **ão** e **ões** apresentam mais de uma forma para a formação do plural, sendo a terminação em **ões** a mais frequente. Ex: aldeão s. / aldeãos, aldeães e aldeões p.; - ancião s. / anciãos, anciões e anciães pl.; - sacristão s./ sacristães, sacristãos pl, etc.;

– Os substantivos, singulares, terminados em **al**, **el**, e **ul** para fazer o plural obedecem as seguintes regras:

- a) Os substantivos terminados em **el**. Ex: papel s. / papeis pl.;
- b) Os substantivos terminados em **il**, se forem palavras agudas, a letra **l** passa a **is**. Ex: barril s./ barris pl, canil s. / canis pl.; - E se forem palavras graves, a letra **l** passa para **eis**. Ex: projectil s./ projecteis pl, réptil s. / répteis pl.; - com excepção das seguintes palavras: Til s./ tiles e tis pl, mel s. / méis e meles pl, aval s. / avals pl, fel s. / feles e féis pl, móbil s. / móveis pl, cônsules s. / cônsules pl;

– Os substantivos, singulares, terminados em **x**, para fazer o plural muda-se o **x** para **ces**. Ex: cálix s. / cálices pl, índice s. / índices pl. Há excepções com respeito a esta norma para os seguintes substantivos: o / os climax, a / as fénix, o / os ónix, o / os tórax.

Os adjectivos devem concordar em número com os substantivos que qualificam, formando o plural de acordo com as normas existentes. Ex: Jogador talentoso s. / jogadores talentosos pl, aldeão malandro s. / aldeões malandros pl, mulher esbelta s. / mulheres esbeltas pl, professor exemplar s. / professores exemplares pl, cidade antiga s. / cidades antigas pl.

Estas são as normas da formação do plural dos substantivos da língua portuguesa que trouxemos. CUNHA e CINTRA (1999) e ESTRELA (2012) *apud* SASSOMA, (2015:3-36).

No que diz respeito a formação do plural, as duas línguas em estudo diferem uma da outra no posicionamento dos afixos. Uma vez que o português acrescenta o sufixo sobre a palavra base, a língua Kimbundu coloca o prefixo, como podemos notar nos temas acima. Esta problemática abre-nos horizontes para melhor engenharmos a questão das interferências.

2.4. Interferências quanto a formação do plural

O plural na língua portuguesa consiste no processo de sufixação, por norma, na adição da letra (s) no final de uma palavra na sua forma singular, principalmente quando é terminada por uma vogal. Segundo a Gramática do Português volume I RAPOSO (2013:963), praticamente todos os nomes do português admitem, do ponto de vista estritamente morfológico, duas versões, uma singular, outra plural com exceção os nomes paroxítonos terminados em (s), que são morfológicamente invariáveis em números. Ex: o/os lápis etc. Nesta exceção, quando um nome é usado em enunciados concretos, num sintagma nominal, as duas versões mantêm o mesmo significado básico, divergindo apenas na dimensão quantitativa do número.

Para a língua Kimbundu, os nomes se agrupam num certo número de classes que se colocam no seu princípio para dar-lhes a noção de Singular ou Plural e, recebem o nome de prefixos nominais ou classificadores. Para a língua Kimbundu, os prefixos nominais regem o funcionamento tanto para o singular, quanto para o plural e o sentido de concordância em todas as frases.

O plural, para a língua Kimbundu, faz-se no princípio do nome num processo de prefixação, ao passo que para a língua portuguesa dá-se o contrário, faz-se no fim dos nomes (sufixação). Dando esta oposição aos falantes do quimbundo, que também são falantes da língua portuguesa como língua segunda, tendem à alteração da norma da língua portuguesa, para um português com características da língua Kimbundu.

Como exemplos apresentamos várias frases selecionadas do português que tem-se falado por alguns indivíduos no município do Cazengo-Ndalatando na província do Kwanza-Norte.

1 - Português Europeu: Ele tem muitos carros;

– Português do Kwanza norte: Ele tem muito scarro;

É notório a alteração da norma através do posicionamento da letra (s) em vez de colocar-se no fim da palavra, ela se posiciona no princípio dela. Carros/scarro. Este caso denota uma clara interferência da língua Kimbundu, pois, a palavra *scarro* possui característica da norma do kimbundu;

2 - Português Europeu: temos muitas casas;

– Português do Kwanza Norte: temos muita scasa;

Neste exemplo notamos que em vez de casas/ scasa. É um fato semelhante ao do primeiro exemplo, que para a norma da língua portuguesa constitui-se num erro, mas para a linguística não deixa de ser um caso de interferência da norma do Kimbundu nos falantes que têm o Português como língua segunda e com desconhecimento da sua norma linguística.

3 - Português europeu: lave as pernas;

– Português do Kwanza Norte: lava a sperna;

Na segunda frase notamos o mesmo caso das frases acima. A questão da oposição do posicionamento do plural. A letra (s) é deslocada de frente para trás, ou seja, de sufixo para

o português europeu a prefixo para o dialeto do português falado no município de Cazengo em Kwanza Norte.

4 - Português europeu: havia lá muitas pessoas;

– Português do Kwanza Norte: havia lá spessoa;

Para a segunda frase importa dizer que trata-se de um caso semelhante aos restantes acima referenciados e é evidente esse tipo de interferências por parte de pessoas que desconhecem as normas das línguas que as falam.

Esses desvios da norma do plural da língua portuguesa por alguns falantes da província do Kwanza Norte é fruto de uma fiel tradução da língua Kimbundu para a língua portuguesa.

Como exemplos, temos algumas palavras da língua Kimbundu representadas na sua norma com tradução na língua portuguesa:

1 - Dikalu: Singular L. Kimbundu (Carro: singular L. P); - Makalu: Plural L. Kimbundu (Carros: plural L. P).

O (Di) é um prefixo nominal de **classe 5** indica o singular e o (Kalu) é o tema ou base nominal. Para realizar o plural junta-se o prefixo nominal de **classe 6** (ma) ao tema nominal (Kalu) logo temos o Plural na língua Kimbundu. Para uma melhor explicação segue-se as representações abaixo:

Ex: Singular Di+kalu = Carro;
p.n5 + t.n

Ex: Plural Ma+kalu = Carros.
p.n6 + t.n

2 - Nzo: singular L. Kimbundu (Casa: singular L. P); - Jinzo: Plural L. Kimbundu (Casas: plural L. P).

O (N) é um prefixo nominal de **classe 9** que nos classificadores da língua Kimbundu indica o singular e o (Nzo) é o tema ou base nominal. Para a realização do plural recorre ao prefixo nominal de **classe 10** (ji), juntando este ao tema nominal (Nzo) logo está feito o plural na língua Kimbundu. Representação:

Ex: Singular $\emptyset=(N)+Nzo$ = Casa.
p.n9+t.n

Ex: Plural Ji+Nzo = Casas.
p.n10+t.n

3 - Kinama: singular L. Kimbundu (perna na l. portuguesa no singular); - Inama: plural l. Kimbundu (pernas na l. portuguesa no plural).

O (Ki) é prefixo nominal de **classe 7** e indica o singular e o (nama) é o tema ou base nominal. Para realizar o plural junta-se o prefixo nominal de **classe 8** (i) ao tema nominal

(nama) logo temos o Plural na língua Kimbundu. Desta feita, segue-se as representações abaixo:

Ex: Singular Ki+nama = perna.
p.n7+t.n

Ex: Singular i+nama = pernas.
p.n8+t.n

4 - Mutu: singular l. Kimbundu (pessoa na l. portuguesa no singular); - atu: plural l. Kimbundu (pessoas na l. portuguesa no singular).

O (Mu) refere-se ao prefixo nominal de **classe 1** indica o singular e o (tu) é o tema ou base nominal. Para realizar o plural junta-se o prefixo nominal de **classe 2 (a)** ao tema nominal (tu) logo temos o Plural realizado. De seguida apresentamos alguns exemplos:

Ex: Singular mu+tu = pessoa.
p.n1+t.n

Ex: Singular a+tu = pessoas.
p.n2+t.n

2.5. Interferências quanto a concordância do género

No que tange a concordância do género, quando se trata de masculino e feminino, a língua Kimbundu não retrata de igual forma como acontece ao português. Os termos, **Mona** (singular) e **Ana** (plural) da língua Kimbundu têm os significados de filho/a ou filhos/as.

Alguns falantes do português do Kwanza Norte, da capital Ndalatando-município de Cazengo, têm kimbudizado o português com as seguintes expressões: **filho de homem** e **filha de mulher** em vez de filho ou filha, em casos para elucidar de quem se trata, ou seja, o sexo do referido. Para alguns falantes da língua Kimbundu, diante desses casos de interferências linguísticas, têm acrescentado os substantivos **Diyala** (homem) e **Muhatu** (mulher) ao substantivo **Mona**. Mas que não se adequa para ao português, pois, sendo uma língua não Bantu e que possui regras diferentes. Em seguida temos alguns exemplos em Kimbundu e Português:

Mona diyala: (singular), Numa tradução palavra por palavra será (filho/a + homem = filho de homem) e **Ana mayala**: plural, (filhos/as + homens = filhos de homens).

Análise morfológica da frase **mona wa diyala** e **ana a mayala** na língua Kimbundu:

Ex: Singular: mo+na+wa+di+yala = filho de homem.
p.n1+t.n+p.c+p.n5+t.n

Ex: Plural: a+na+a+ma+yala = filhos de homens.
p.n2+t.n+p.c+p.n6+t.n

Mona muhatsu: (singular). Numa tradução direta significa (filho/a + mulher = filha de mulher) e **Ana ahatsu**: plural, (filhos/as + mulher = filhas de mulheres).

Análise morfológica da frase **mona wa muhatsu** e **ana a ahatsu** na língua Kimbundu:

Ex: Singular: mo+na+wa+mu+hatu = filha de mulher.
p.n1+t.n+p.c+p.n1+t.n

Ex: Plural: a+na+a+ma+yala = filhas de mulheres.
p.n2+t.n+p.c+p.n5+t.n

Mona ndenge: (singular), Numa tradução palavra por palavra será (filho/a + pequeno/a = filho pequeno/a) e **Ana ndenge:** plural, (filhos/as + pequenos/as = filhos de pequenos/as).

Ex: Singular: mo+na+wa+Ø(n)+ndenge = filho/a pequeno/a.
p.n1+t.n+p.c+p.n9+t.n

Ex: Plural: a+na+a+Ø(n)+ndenge = filhas de mulheres.
p.n2+t.n+p.c+p.n9+t.n

Estes exemplos ajudam-nos a perceber claramente algumas interferências que se registam no português falado por uma franja dos munícipes do Cazengo em Ndalatando na província do Kwanza Norte.

Para Amélia Mingas, ao contrário do português, o quimbundo, implica diversas classes de palavras de nomes representadas por prefixos, organizados em pares que são singular e plural, nos quais, as distinções sexuais não são importantes. Continuando, a autora reforça que identificando a inexistência da distinção sexual na língua Kimbundu, os locutores podem apresentar uma incapacidade de estabelecer na língua portuguesa a diferença entre o acordo do determinante com um nome do género masculino ou feminino como nos mostra alguns exemplos a seguir:

Ex: Meu casa, em vez de minha casa.

Ex: Minha carro, em vez de meu carro.

Ex: Minha parente, em vez de meu parente (MINGAS 2000:68,83).

Para a língua Kimbundu, quanto a noção do género, nota-se uma oposição entre o singular e o plural de um nome, já para a língua portuguesa, a oposição verificasse entre masculino e o feminino (MINGAS 2000:68).

O nome Kimbundu (Mona) é um substantivo biforme. Por si só não define o sexo da pessoa. Para que se defina o sexo, alguns falantes da língua Kimbundu influenciados pela tradução no seu linguajar, têm juntado outros substantivos aos substantivos a cima discriminados. Estas e outras questões estão na base das interferências que trazemos neste trabalho.

2.6. Interferência quanto a formação do diminutivo das palavras e o aumentativo

A expressão do diminutivo em português está relacionado com o emprego de determinadas estruturas morfológicas que se acrescenta à parte final da palavra (com ou sem modificação desta), dando origem a uma nova palavra, a qual, quando comparada com a palavra que recebeu essa estrutura morfológica, possui um significado que apresenta uma ‘ideia’ de diminuição, cuja referência pode ser o espaço físico (altura ou largura), uma qualidade ou característica, uma quantidade etc. (SANTANA 2017:34).

Uma das melhores representações desta temática está nos exemplos propostos por Cunha e Cintra num quadro onde apresentam os principais sufixos diminutivos empregados em português.

| Sufixo | Exemplificação | Sufixo | Exemplificação |
|------------|----------------------|-----------|----------------------|
| -inho, -a | Toquinho, vozinha | -elho, -a | Folhelho, rapazelho |
| -zinho, -a | Cãozinho | -ejo | Animalejo, lugarejo |
| -ino, -a | Pequenino, cravina | -ilho, -a | Pecadilho, tropilha |
| -im, -a | Espadim, fortim | -ete | Artiguete, lembrete |
| -acho, -a | Fogacho, riacho | -eto, -a | Esboceto, saleta |
| -icho, -a | Governicho, barbicha | -ito, -a | Rapazito, casita |
| -ucho, -a | Papelucho, casucha | -zito, -a | Jardinzito, florzita |
| -ebre | Casebre | -ote, -a | Velhote, velhota |
| -eco, -a | Livreco, soneca | -isco, -a | Chuvisco, talisca |
| -ico, -a | Burrico, marica(s) | -usco, -a | Chamusco, velhusco |
| -ela | Ruela, viela | -ola | Fazendola, rapazola |

Tabela 7: Principais sufixos diminutivos portugueses. (CUNHA e CINTRA *apud* SANTANA (2017:43).

Esta descrição do diminutivo da língua portuguesa apresenta muita diferença no que tange o processo de formação do diminutivo da língua Kimbundu. Pois, uma vez que a construção do diminutivo da língua Kimbundu é feita através do processo de prefixação, como nos mostra o quadro a seguir:

| Substantivos da língua Kimbundu | Exemplos de Diminutivo | | |
|---------------------------------|------------------------------------|-----------|-----------|
| | Português singular / plural | Singular | Plural |
| Inzo | Casa - casinha - casinhas | Kanzo | Tunzo |
| Ditadi | Pedra - pedrinha - pedrinhas | Kaditadi | Tuditadi |
| Imbwa | Cão - cãozinho - cães | Kambwa | Tumbwa |
| Imbya | Panela - panelinha - panelinhas | Kambya | Tumbya |
| Mutwe | Cabeça - Cabecinha - cabecinhas | Kamutwe | Tumutwe |
| Xingo | Pescoço - pescocinho - pescocinhos | Kaxingo | Tuxingo |
| Mulembu | Dedo - dedinho - dedinhos | Kamulembu | Tumulembu |
| Menya | Água - aguinha - aguinhas | Kamenya | Tumenya |
| Njila | Pássaro - passarinho - passarinhos | Kamwimbo | Tumwimbo |
| Dikalú | Carro - carrinho - carrinhos | Kadikalú | Tudikalú |
| Mbiji | Peixe - peixinho - peixinhos | Kambiji | Tumbiji |
| Xito | Carne - carnezinha - carnezinhas | Kaxitu | Tuxitu |
| Wabuta | Baixo - baixinho - baixinhos | Kabuta | Tubuta |
| Walebha | Alto - altinho - altinhos | Kalebha | Tulebha |
| Ngiji | Rio - riacho - riachos | Kangiji | Tungiji |
| Dibubu | Mudo - mudinho - mudinhos | Kabubu | Tububu |
| Muxilu | Surdo - surdino - surdinos | Kamuxilu | Tumuxilu |
| kifofo | Cego - ceguinho - ceguinhos | Kafofo | Tufofo |

Tabela 8: Formação do diminutivo da língua Kimbundu

O diminutivo na língua Kimbundu observa-se no posicionamento de dois prefixos nominais que são: o de classe **12 Ka** indicando o singular e o seu par a classe **13 Tu** que indica o plural. Estes dois são os prefixos responsáveis à alteração dos substantivos do grau normal ao diminutivo, resultando em novas palavras com significados que apresentam ideias de diminuição. Assim como nos ilustra o quadro acima.

Esta característica da língua Kimbundu está grandemente marcada na fala de uma franja da comunidade do Cazengo apontando, assim, interferências de ordem lexical, como nos ilustram os exemplos recolhidos e trazidos nas alíneas abaixo;

- a) 1 - Está contente porque comprou um **Kacarro**. (PT. do Kwanza Norte);
- 2 - Está contente porque comprou um **carrinho**. (PT. Europeu);

A primeira frase identifica o linguajar observado no seio dos munícipes do Cazengo. Denunciando uma situação de interferência na formação do diminutivo do português falado naquela parcela de Angola. A mesma frase, também, leva-nos a perceber que trata-se de uma situação de adaptação da estrutura da língua Kimbundu sobre a língua portuguesa, assim como retrata MINGAS, (MINGAS 2000:59).

- b) 1 - Trouxe **tupeixe** para o jantar. (PT. do Kwanza Norte);
 2 - Trouxe **peixinhos** para o jantar. (PT. Europeu);

Aqui na primeira frase, não se trata unicamente de casos de analfabetismo como descreve MINGAS (2000:59). Trata-se de um linguajar, também, notório em indivíduos perfeitamente identificados como sendo escolarizados no seio da comunidade em estudo. Por esta razão, o linguajar acima referido, não somente carrega consigo erros de fala, mas também leva-nos a perceber melhor os fenómenos de interferências e suas ocorrências no seio dos munícipes do Cazengo. Segundo SASSOMA (2015:48), trata-se de interferência de ordem morfológica e em função da coabitação entre duas línguas com estruturas completamente específicas uma da outra.

- c) 1 - Esta é a nossa **Kacidade** (PT. do Kwanza Norte);
 2 - Esta é a nossa cidadezinha (PT. Europeu);
 3 - As tucasa. (PT. do Kwanza Norte);
 4 - As casinhas. (PT. Europeu).

Estes e os outros exemplos mencionados são frutos de uma influência sociolinguística dentro do município do Cazengo, fortemente denunciado pela mestiçagem das estruturas linguísticas das línguas que têm no seu uso normal fazendo deste modo transparecer o bilinguismo e seus fenómenos nesta região de Angola.

Dos exemplos acima referidos partamos para uma análise das palavras em causa nas alíneas na língua Kimbundu e sua significação em português:

- a) Em vez de **kacarro**, para a língua Kimbundu seira **kadikalú** e para o português, **carrinho**.

Ex: Singular: **ka+di+kalu** = Carrinho.
 p.a12+p.n5+t.n

Ex: Plural: **tu+di+kalu** = Carrinhos.
 p.a13+p.n5+t.n

- b) Em vez de **tupeixe**, para a língua Kimbundu seria **tumbiji** e para o português, **peixinhos**.

Ex: Singular: **ka+Ø(m)+mbiji** = Peixinho.
 p.a12+p.n9+t.n

Ex: Plural: **tu+Ø(m)+mbiji** = Peixinhos.
 p.a13+p.n9+t.n

- c) Em vez de **Kacidade**, para a língua Kimbundu seria **Kambanza** e para o português, **cidadezinha**.

Ex: Singular: **ka+Ø(m)+mbanza** = Cidadezinha.
 p.a12+p.n9+t.n

Ex: Plural: $tu+\emptyset(m)+mbanza = \text{Cidadezinhas.}$
 $p.a13+p.n9+t.n$

d) Em vez de **tucasa**, para a língua Kimbundu seria **Twinzo** e para português, **casinhas**.

Ex: Singular: **ka+i+nzo** = Cazinha.
 $p.a12+p.n9+t.n$

Ex: Plural: **tu+i+nzo** = Cazinhas.
 $p.a13+p.n9+t.n$

Depois de abordarmos acerca do diminutivo, sua formação nas duas línguas, portuguesa e Kimbundu e analisarmos os casos de interferências que vêm surgindo da coabitação entre ambas as línguas, as alíneas que se seguem darão primazia na questão do aumentativo no português falado por uma franja dentre os munícipes do Cazengo em Ndalatando-Kwanza Norte.

SAID citado por ABREU (2012:29) sublinha como aumentativo os nomes derivados que exageram a significação dos respectivos nomes primitivos.

Os sufixos aumentativos de regra emprestam ao nome ideias de desproporção, de disformidade, de brutalidade, grosseria ou de coisas desprezíveis. Assim, narigão, beíçorra, pratarraz, atrevidaço, porcalhão, etc. Ressalta, pois, na maioria dos aumentativos, esse valor depreciativo ou pejorativo (CUNHA *apud* ABREU 2012:28).

BASÍLIO, citado por ABREU (2012:32), afirma que tanto o diminutivo quanto o aumentativo, em sua função central de indicar uma dimensão menor ou maior daquilo que é considerado implicitamente como um padrão normal, apresenta também uma função de expressar uma atitude emocional do falante em relação ao tamanho do objeto por ele dimensionado.

Uma vez que, para a língua portuguesa, o aumentativo adquire uma significação intensiva, que aumenta a significação das palavras, assim também funciona para a língua Kimbundu. Ambas as línguas diferem no que diz respeito à aplicabilidade deste aumento nas palavras e suas formas gramaticais.

Ao contrário da língua portuguesa, o aumentativo na língua Kimbundu observa-se no posicionamento de um prefixo antes das palavras. O **(ki)**, prefixo nominal de **classe 7**, dentre os classificadores da língua Kimbundu, tem, também, a função da formação do aumento ou exagero das palavras. Este prefixo possui uma dupla funcionalidade como classificador da língua Kimbundu e, é o formador do aumentativo ou exagero para todas as palavras da língua assim como nos mostra o quadro abaixo.

| Substantivos da língua Kimbundu | Exemplos de aumentativo | |
|---------------------------------|-------------------------|---------------------------------------|
| | Kimbundu | Português |
| Muhatu | Kimuhatu | Mulherona, grande, mulher de respeito |
| Diyala | Kidiyala | Homenção, de respeito, Homem grande |
| Imbwa | Kimbwa | Cão forte, de grande estatura. |
| Dikanda | Kidikanda | Patão |
| Mutwe | Kimutwe | Cabeçudo |
| Nzebu | Kinzebu | Babão |
| Dilonga | Kidilonga | Pratão |
| Mazo | Kimazo | Dentola |
| Mwezo | Kimwezo | Barbudo |
| Dikalau | Kidikalaus | Carrão |
| Ndemba | Kindemba | Cabeludo |
| Dilaji | Kidilaji | Grande maluco |
| Ditaku | Kiditaku | Rabão |
| Dyeso | Kidyeso | Olhos grande, olhudo. |
| kujiza | kijiza | Teimoso |
| Dileku | Kileku | Sabichão |
| Dimi | Kidime | Linguarudo |

Tabela 9: Formação do aumentativo da língua Kimbundu.

É evidente que o morfema modificador do grau normal dos substantivos em Kimbundu para alterar-lhes a significação conduzindo-o ao aumento ou exagero é o **Ki**, prefixo nominal de Classe 7. É com ele que se realiza as alterações dos substantivos do grau normal para o aumentativo, resultando em novas palavras com significados que apresentam ideias de aumento ou exagero. Assim como ilustra-nos o quadro acima.

A formação do aumentativo no português falado em Cazengo por alguns munícipes tem sofrido em varias situações frequentes casos de interferências, até mesmo por indivíduos que se julgam conhecer perfeitamente as duas línguas, ou seja, indivíduos escolarizados. A presença do **Ki** como aumentativo em alguns casos no português ndalatandense é trazida por nós como exemplos nas alíneas que apresentaremos a seguir:

- a) Já viste o Kicarro do comandante? (interferência quanto ao aumentativo).

Em vez de:

Já viste o carrão do comandante?

- b) O ladrão tinha uma Kipata que parecia calçar 50. (interferência quanto ao aumentativo).

Em vez de:

O ladrão tinha um patão que parecia calçar 50.

- c) Tinha aspeto de um Kitio. (interferência quanto ao aumentativo).

Em vez de:

Tinha aspeto de um tiozão.

- d) Olha **kicabeça** dele. (interferência quanto ao aumentativo).
Em vez de:
Ele era **cabeçudo**.
- e) Tinha uma **kibarba**. (interferência quanto ao aumentativo).
Em vez de:
Era **barbudo**.
- f) Os meus pais querem construir uma **Kicasa** no bairro da **Kipata**. (interferências quanto ao aumentativo).
Em vez de:
Os meus pais querem construir um **casarão** no bairro do **patão**.

Tal como abordamos ao diminutivo, estes exemplos também são frutos de uma influência fortemente denunciada pela mestiçagem das estruturas linguísticas do Kimbundu ao português falado no município do Cazengo, fazendo valer o bilinguismo como um fenómeno real nesta região de Angola. Para mais esclarecimento, analisaremos algumas palavras nos exemplos acima em Kimbundu, e apresentaremos suas significações em português.

- a) Em vez de **kicarro**, para a língua Kimbundu seira **kidikalú** e para o português, **carrão**.
Ex: Singular: ki+di+kalu = Carrão.
p.a7+p.n5+t.n
- b) Em vez de **kipata**, para a língua Kimbundu seria **kidikanda** e para o português, **Patão**.
Ex: Singular: ki+di+kanda = Patão.
p.a7+p.n5+t.n
- c) Em vez de **Kitio**, para a língua Kimbundu seria **Kidilemba** e para o português, **senhor de má aparência**.
Ex: Singular: ki+di+lemba = Senhor de má aparência.
p.a7+p.n5+t.n
- d) Em vez de **kicabeça**, para a língua Kimbundu seria **Kimutwe** e para português, **cabeçudo**.
Ex: Singular: ki+mu+twe = Cabeçudo.
p.a7+p.n3+t.n
- e) Em vez de **kibarba**, para a língua Kimbundu seira **kimwezo** e para o português, **barbudo**.
Ex: Singular: ki+mu+ezo = Barbudo.
p.a7+p.n3+t.n
- f) Em vez de **kicasa** no bairro da **Kipata**, para a língua Kimbundu seria **Kinzo** no bairro da **Kidikanda** e para o português, **Casarão** no bairro do **Patão**.
Ex: Singular: ki+i+nzo = Casarão.

p.a7+p.n9+t.n

Ex: Singular: ki+di+kanda = Patão.
p.a7+p.n5+t.n

Assim como afirmou CUNHA (1970) para a língua portuguesa, *apud* ABREU (2012:28), “os sufixos aumentativos de regra emprestam ao nome as ideias de desproporção, de disformidade, de brutalidade, grosseria ou de coisas desprezíveis.” Assim, também funciona, o prefixo nominal de classe 7 Ki, quando desempenha o papel de prefixo aumentativo para o Kimbundu. Pois, este classificador de classe 7, quando aplicado como aumentativo pode transmitir-nos ideias de *grandeza*, *garbosidade*, *maleficência* e muito mais. Para melhor ilustrar segue-se alguns exemplos recolhidos do falar português na região em estudo:

a) Este é kipessoa.

Em vez de

Este é uma grande pessoa.

b) Este é kidiabo.

Em vez de

Este é uma má pessoa.

c) Era uma kipessoa.

Em vez de

Era *um homem forte*, ou era *uma grande pessoa*, como também poderia ser, era *uma má pessoa*.

Este é um linguajar muito característico do município do Cazengo. Usa-se para atribuir qualidades a um certo indivíduo consoante a intenção expressiva do sujeito falante. Estas expressões são muito frequentes dentre os munícipes do Cazengo, principalmente nos mercados informais, aglomerados, algazaras, caminhadas para os campos agrícolas, agrupamentos após os cultos religiosos, cerimónias tradicionais etc. Pois, trata-se de influência de uma língua sobre a outra, e neste caso, da língua Kimbundu sobre a Portuguesa, casos de interferência linguística.

Análise das frases acima referidas de acordo com as estruturas de cada língua.

a) Em vez de kipessoa, para a língua Kimbundu seria **kimutu** e para o português, **grande pessoa**.

Ex: Singular: ki+mu+tu = Grande pessoa.
p.a7+p.n1+t.n

Mwene Kimutu = Ele é uma grande pessoa.

- b) Em vez de **kidiabo**, para a língua Kimbundu seria **kikadyaphemba** e para o português, **Grande demónio**.

Ex: Singular: ki+ka+dyaphemba = Grande demónio.
p.a7+p.n12+t.n

Mwene kikadiyaphemba = Grande demónio.

- c) Em vez de **Kipessoa**, para a língua Kimbundu seria **Kimutu** e para o português, **senhorzão, má pessoa, homem forte etc.**

Ex: Singular: ki+mu+tu = Senhorzão, má pessoa, homem forte etc.
p.a7+p.n1+t.n

Wakexile kimutu = Era *um homem forte*, ou era *uma grande pessoa*, como também poderia ser, era *uma má pessoa*.

Como podemos notar, para a língua Kimbundu, o aumentativo e o diminutivo emprestam certas qualidades ou características aos nomes, dando-lhes outros contornos além do seu normal sentido. Esta alteração verifica-se na anteposição dos morfemas de modificação aos temas nominais ou também chamados de radicais, como nos ilustram os exemplos acima. Para a gramática Kimbundu o aumentativo representa-se pela **classe 7 Ki**, e o diminutivo, pela **classe 12 Ka** referindo-se ao singular e a **classe 13 Tu** seu respetivo plural.

CAPÍTULO III - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1. Natureza metodológica da pesquisa

Para a efetivação desta pesquisa usamos o modelo de pesquisa quantitativa e qualitativa de base interpretativa, segundo MOITA Lopes, (1994) apud ROBLES, Ana Maria del Pilar Altamirano (2016). Este estudo cingiu-se na recolha e interpretação de dados que nos possibilitou concretizar a veracidade das questões que trouxemos em abordagem, e apresentarmos como meio de discussão no corpo do inquérito aplicado os casos de interferências da língua Kimbundu no Português falado no município do Cazengo-Ndalatando, província do Kwanza do Norte. A pesquisa foi aplicada aos estudantes do curso de Ensino da Língua Portuguesa de nível superior da Escola Superior Pedagógica do Kwanza Norte (ESP-KN) em Kwanza Norte, Município do Cazengo-Ndalatando, uma das províncias de Angola.

3.2. Apresentação dos dados do inquérito

O *corpus* do nosso trabalho é constituído por 198 questionários aplicados a um grupo de estudantes do curso de Ensino da língua portuguesa na Escola Superior Pedagógica do Kwanza Norte. Trabalhamos com estudantes diurno do 1º ao 4º ano, desta instituição do ensino superior a fim de apurarmos os factos por nós levantados a cerca da questão interferência da língua Kimbundu sobre o Português nos casos da formação do plural, género, diminutivo e aumentativo dos nomes.

Os informantes foram todos estudantes que se mostraram disponíveis a participarem do estudo de modos a preencherem os questionários que fomos aplicando em cada turma por onde passamos. Dos 198 inquiridos, 50 são estudantes do I ano, 34 estudantes do II ano, 43 estudantes do III ano e 71 estudantes do IV ano.

O questionário foi elaborado no modelo de estudo de carácter quantitativo e qualitativo no que diz respeito as análises das ocorrências interferenciais das duas línguas em estudos nos dias 18 de Abril a 03 de Maio de 2018 na Escola Superior Pedagógica do Kwanza Norte (ESP-KN). Para a efetivação desta realização partimos da identificação, apresentação e depois às análises dos casos de desvios, ou seja, interferências que encontramos. Para tornarmos o questionário fácil de se preencher pelos estudantes tivemos de escolher do nosso laque de questões as que pareciam mais próximas dos nossos objetivos e concomitantemente simples à compreensão dos estudantes.

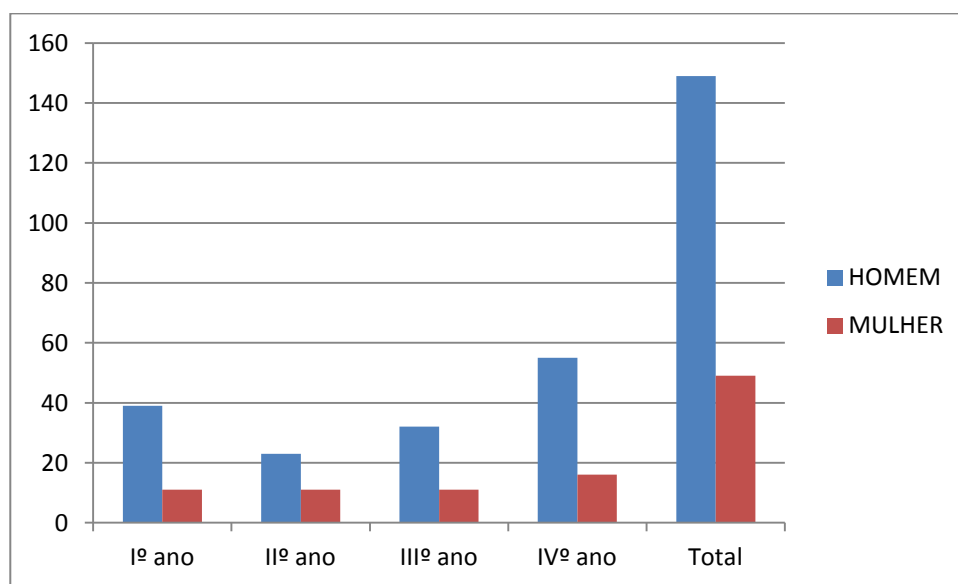
Quanto ao tratamento de dados, confrontamos os questionários preenchidos a partir dos dados biográficos (idade, ano académico a frequentar, sexo e as respostas fornecidas por cada estudante inquirido) a fim de apresentarmos resultados estatísticos fiáveis das informações obtidas do estudo.

Quanto à idade, Inquirimos Indivíduos com idades compreendidas dos 18 aos 53 anos de idade. Verificou-se certa diferença de idade nos respetivos anos académicos com quais

trabalhamos. Isto é, começando do 1º ano, os estudantes inquiridos compreendiam as idades dos 18 aos 35 anos de idade. Para o segundo ano, de 20 aos 35 anos de idade. Para o terceiro ano, de 21 aos 48 anos de idade e para o quarto ano, de 21 aos 53 anos de idade. Entrevistamos um universo de 149 indivíduos do sexo masculino e 49 do sexo feminino. Os indivíduos inquiridos estão distribuídos da seguinte maneira: Para o 1º ano 39 rapazes e 11 raparigas, para o 2º ano, 23 rapazes e 11 raparigas, para o 3º ano 32 rapazes e 11 raparigas e para o 4º ano 55 rapazes e 16 raparigas. Quanto as respostas fornecidas pelos inquiridos, elas variam de acordo com os parecer de cada um, tendo em conta as questões que colocamos, **vide Apêndice 1**. Para melhor ilustrarmos segue-se abaixo um quadro e um gráfico de leitura representativa.

| Ano Académico | IDADE | HOMEM | MULHER | TOTAL |
|---------------|------------|---------------|---------------|----------------|
| Ano I | 18-35 Anos | 39 Inquiridos | 11 Inquiridas | 50 |
| Ano II | 20-35 Anos | 23 Inquiridos | 11 Inquiridas | 34 |
| Ano III | 21-48 Anos | 32 Inquiridos | 11 Inquiridas | 43 |
| Ano IV | 21-53 Anos | 55 Inquiridos | 16 Inquiridas | 71 |
| Total | | 149 Homens | 49 Mulheres | 198 Estudantes |

Tabela 10: Quadro de apresentação dos dados do inquérito



3.3. Apresentação e discussão dos resultados de cada pergunta inquirida

O questionário que aplicado finalizou a melhor compreensão do objeto de estudo do tema que nos propusemos a apresentar. Numa relação de 11 questões, introduzimos as demais situações levantadas por nós como pontos fulcrais da nossa investigação. A primeira pergunta visa saber dos estudantes se têm o conhecimento da existência do bilinguismo

dentro da sua comunidade. Para melhor atingirmos o objetivo da pesquisa formulamos a questão da seguinte maneira:

1 - Concorda que uma boa parte da População da sua comunidade é bilingue, ou seja, têm usado a língua Kimbundu e a Portuguesa no seu dia-a-dia?

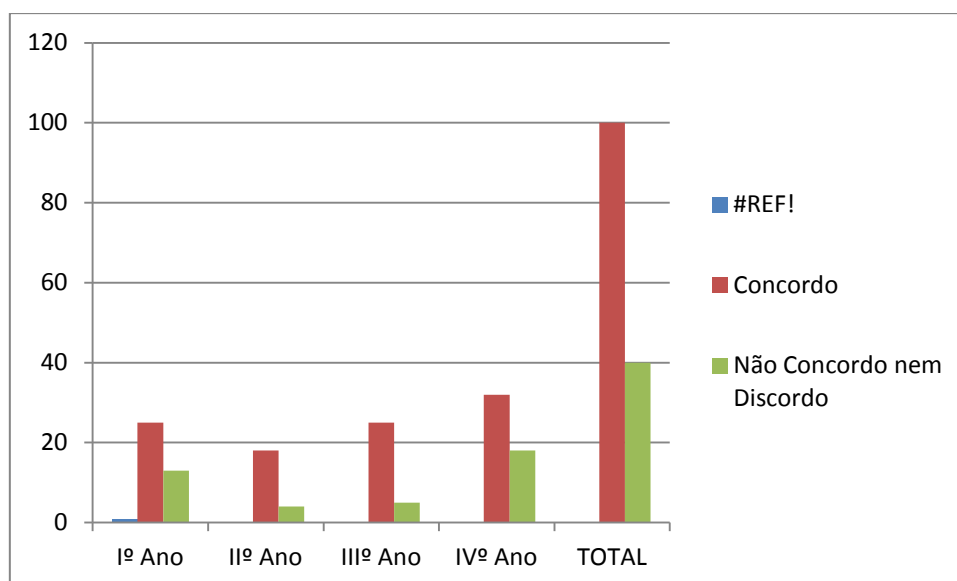
A seguir, fornecemos ao estudante a melhor possibilidade de respondê-la usando entre retângulos (C) que significa concordo, (D) que significa discordo ou Deixando o espaço vazio que significa não concordo nem discordo.

Para esta questão, inquerimos **198** estudantes e obtivemos deles as seguintes respostas: **Discordo**, **12** vindo do 1º ano, **12** do 2º ano, **13** do 3º ano e **21** do 4º ano correspondendo num total de 58 inquiridos. Aos que responderam **Concordo**, **25** do 1º ano, **18** do 2º ano, **25** do 3º ano e **32** do 4º ano correspondendo num total de **100** inquiridos. Já para os que deixaram em branco cuja ação responde não concorda nem discordo foram **13** para o 1º ano, **4** para o 2º ano, **5** para 3º ano e **18** para o 4º ano correspondendo num total de **40** inquiridos.

Diante desta averiguação, a resposta (C), que significa concordar, aparece com maior percentagem, o que significa dizer que o inquérito confirma que a população do município do Cazengo em Ndalatando, província do Kwanza Norte são Bilingues, ou seja, têm usado a língua Portuguesa e a língua Kimbundu no seu dia-a-dia. Para melhor esclarecimento segue-se um quadro e um gráfico ilustrativo.

| Ano Académico | Discordo | Concordo | Não Concordo nem Discordo | TOTAL |
|---------------|---------------|----------------|---------------------------|-------|
| Ano I | 12 Inquiridos | 25 Inquiridos | 13 Inquiridos | |
| Ano II | 12 Inquiridos | 18 Inquiridos | 4 Inquiridos | |
| Ano III | 13 Inquiridos | 25 Inquiridos | 5 Inquiridos | |
| Ano IV | 21 Inquiridos | 32 Inquiridos | 18 Inquiridos | |
| TOTAL | 58 Inquiridos | 100 Inquiridos | 40 Inquiridos | 198 |

Tabela 11: Quadro ilustrativo da primeira questão



Assim como aconteceu para a primeira pergunta, fizemo-lo com a segunda questão indagando-os da seguinte maneira.

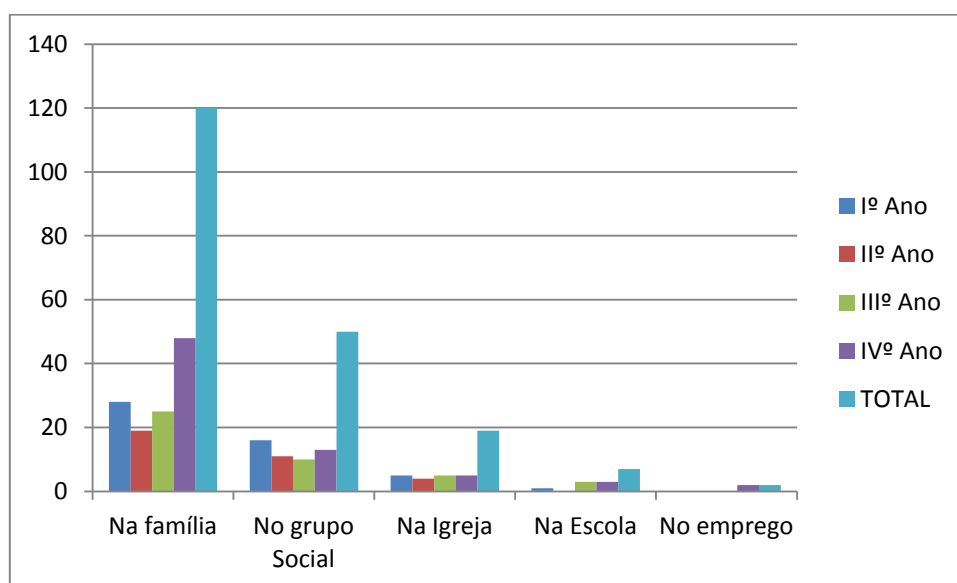
2 - Na sua opinião, em que lugar é mais frequente o uso do bilinguismo - Na família - No grupo social, ou seja, na rua - Na Igreja - Na escola - No emprego?

Dos **198** inqueridos obtivemos as seguintes respostas: Para alínea A) **Na família**, **28** indivíduos do 1º ano, Para o 2º ano foram **19** indivíduos, para o 3º ano foram **25** indivíduos e para o 4º ano **48** indivíduos, o que corresponde num total de **120** inquiridos. Aos que responderam a alínea B) **No Grupo social, ou seja, na rua**, **16** do 1º ano, **11** do 2º ano, **10** do 3º ano e **13** do 4º ano correspondendo num total de **50** inquiridos. Para a alínea C) **Na Igreja**, **5** indivíduos do 1º ano, **4** do 2º ano, **5** do 3º ano e **5** indivíduos para o 4º ano correspondendo num total de **19** inquiridos. Para a alínea D) **Na escola**, **3** três indivíduos do 1º ano, **3** indivíduos para o 2º ano, **0** (zero) para o 3º ano e **1** para o 4º ano, o que corresponde num total de **7** inquiridos. Já para a última alinha, alínea E) **No emprego**, **0** (zero) para o 1º ano, **2** para o 2º ano, **0** (zero) para o 3º ano e **0** (zero) para o 4º ano, correspondendo num total de **2** indivíduos.

Nesta questão, o inquérito confirma a alínea A), afirmando que o bilinguismo é mais frequente no seio das famílias. Uma vez que foi a alínea mais votada, com maior percentagem, o que significa que a população do município do Cazengo em Ndalatando, província do Kwanza Norte tem exercido a prática bilingue no seu dia-a-dia dentro do núcleo familiar. Tal como nos apresenta o quadro e o gráfico de leitura que se seguem.

| Ano acadêmico | Na família | No grupo Social | Na Igreja | Na Escola | No emprego | TOTAL De indivíduos inquiridos |
|---------------|------------|-----------------|-----------|-----------|------------|--------------------------------|
| Ano I | 28 | 16 | 5 | 1 | 0 | 198 |
| Ano II | 19 | 11 | 4 | 0 | 0 | |
| Ano III | 25 | 10 | 5 | 3 | 0 | |
| Ano IV | 48 | 13 | 5 | 3 | 2 | |
| TOTAL | 120 | 50 | 19 | 7 | 2 | |

Tabela 12: Quadro ilustrativo da segunda questão



A terceira questão visa saber dos estudantes se têm o conhecimento da existência de alguns casos de interferência na fala de algumas pessoas dentro da sua comunidade. Para melhor atingirmos o objetivo da pesquisa formulamos a seguinte pergunta:

3 - Concorda que algumas pessoas na sua comunidade têm usado as seguintes expressões:

A) - Em casa tem arroz, Fuba, mas não há xpeixe. B) - O Avô tinha muitas xcasa. C) - Este miúdo gosta de atirar xpedra. D) - Os pai dele já estão cansados de receber xqueixa. E) - Vem comprar na barraca da tua mãe meu filho de homem. F) - Também tem xcoisa para filho pequeno. G) - Olha para estes tucarro. H) - Ele já é um kihomem. I) - É um kamiudo.

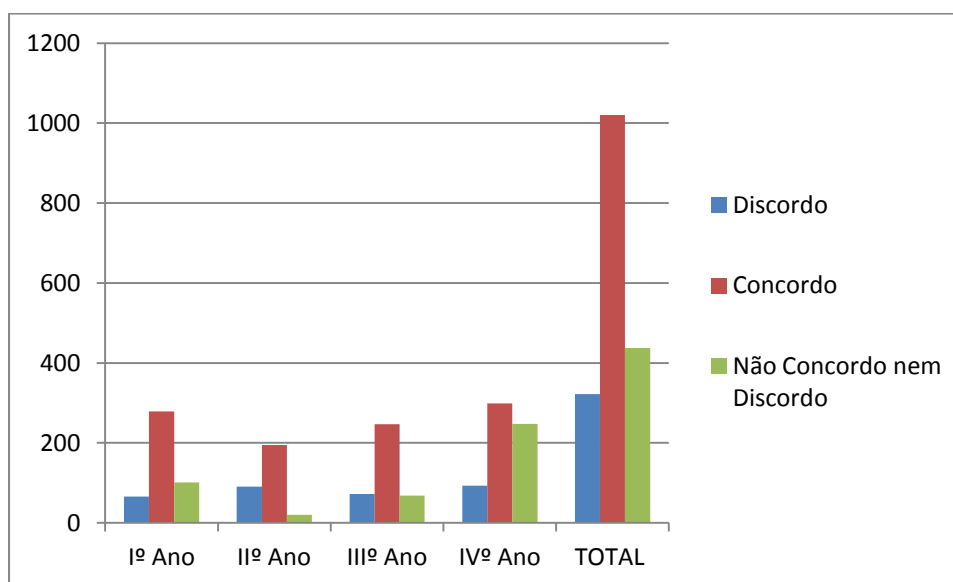
Para melhor responder a questão usou-se a modalidade que aplicamos para a primeira pergunta, (C) que significa concordo, (D) que significa discordo ou Deixando o espaço vazio que significa não concordo nem discordo.

Para esta questão, inquirimos **198** estudantes, e obtivemos deles as seguintes respostas: **Discordo**, **66** vindo do 1º ano, **91** do 2º ano, **72** do 3º ano e **93** do 4º ano correspondendo num total de **322** respostas. Aos que responderam **Concordo**, **279** do 1º ano, **195** do 2º ano, **247** do 3º ano e **299** do 4º ano correspondendo num total de **1020** respostas. Já para os que deixaram em branco cuja ação responde não concorda nem discordo foram **101** para o 1º ano, **20** para o 2º ano, **68** para 3º ano e **248** para o 4º ano correspondendo num total de **437** respostas.

Nesta questão a possibilidade que concorda vence, o que deixa bem claro a existência de frequentes casos de interferência na produção linguística dos munícipes do Cazengo, como nos ilustram o quadro e gráfico abaixo.

| Ano Académico | Discordo | Concordo | Não Concordo nem Discordo | TOTAL De Inquiridos 198 |
|--------------------|---------------|----------------|---------------------------|-------------------------|
| Ano I | 66 Respostas | 279 Respostas | 101 Respostas | |
| Ano II | 91 Respostas | 195 Respostas | 20 Respostas | |
| Ano III | 72 Respostas | 247 Respostas | 68 Respostas | |
| Ano IV | 93 Respostas | 299 Respostas | 248 Respostas | |
| TOTAL de Respostas | 322 Respostas | 1020 Respostas | 437 Respostas | 1779 |

Tabela 13: Quadro ilustrativo da terceira questão



O quadro acima apresentado vem confirmar o trabalho realizado e sua consumação no apuramento dos resultados da pesquisa que nos propusemos a trazer como sustento do nosso trabalho final. Este quadro ilustra muito bem a interpretação dos casos de interferência levantados na terceira questão do nosso questionário.

Diante deste quadro é-nos permitido dizer que a população do município do Cazengo, no seu uso da língua portuguesa, tem praticado a modalidade interferencial, sobre tudo, no que diz respeito as frases sublinhadas da terceira questão do questionário, apresentadas no quadro número 13, como podeis observar.

A seguir a terceira pergunta trazemos em abordagem a análise referente ao nível de formação das pessoas presumivelmente apontadas como sendo praticantes das questões referenciadas na terceira pergunta. Para melhor cumprimento do estudo formulamos a questão da seguinte maneira:

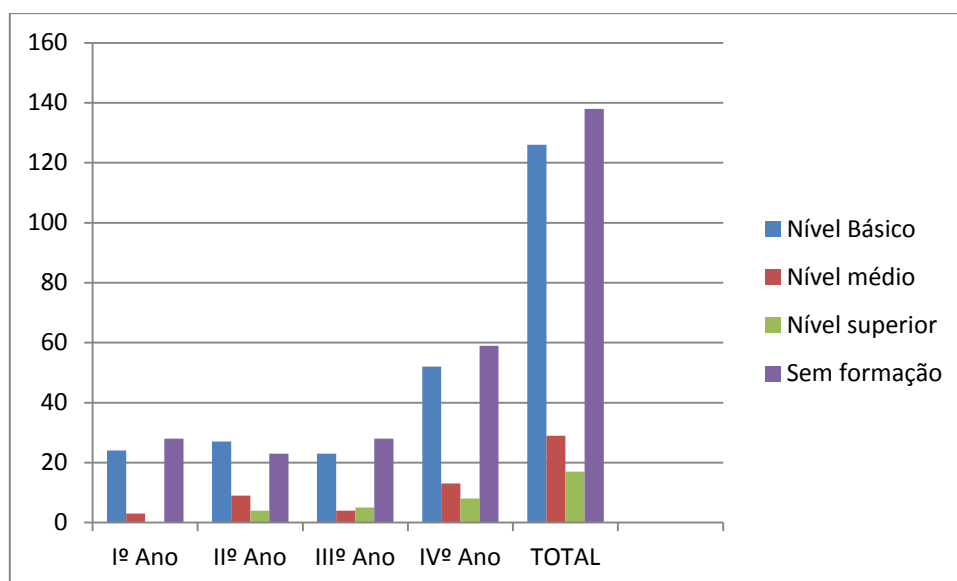
4 - Pode indicar o nível de instrução das pessoas que usam as expressões acima referidas, usando (X) no quadrado da alínea que considerar mais conveniente. A) - Nível básico. B) - Nível médio. C) - Nível superior. D) - Sem formação.

Tal como as primeiras perguntas, para esta questão inquerimos **198** estudantes permitindo que pudessem escolher mais de uma possibilidade, sublinhando as alíneas que considerassem como conveniente à questão, o que excedeu o número de respostas superior aos inquiridos. Com esta prática obtivemos as seguintes respostas: Para alínea **A) Nível básico**, **24** indivíduos do 1º ano, Para o 2º ano foram **27** indivíduos, para o 3º ano foram **23** indivíduos e para o 4º ano **52** indivíduos, o que corresponde num total de **126** inquiridos. Aos que responderam a alínea **B) Nível médio**, **3** do 1º ano, **9** do 2º ano, **4** do 3º ano e **13** do 4º ano correspondendo num total de **29** inquiridos. Para a alínea **C) Nível superior**, **0** indivíduos do 1º ano, **4** do 2º ano, **5** do 3º ano e **8** indivíduos para o 4º ano correspondendo num total de **17** inquiridos. Para a última alinha, a alínea **D) Sem formação**, **28** indivíduos do 1º ano, **23** indivíduos para o 2º ano, **28** para o 3º ano e **59** para o 4º ano, o que corresponde num total de **138** inquiridos.

Nesta questão a alínea D apresenta-se com maior percentagem, o que nos indica que grande parte dos que falam conforme as frases trazidas na terceira pergunta do questionário são indivíduos sem formação e de resto segue-se alguns casos dos outros níveis. Nesta pergunta, o inquérito confirma a alínea **D)**, confirmando que grande parte do uso interferencial no português falado no município do Cazengo ocorre com mais frequência nas pessoas sem formação. Basta seguir o quadro e o gráfico ilustrativo que trazemos abaixo.

| Ano académico | Nível Básico | Nível médio | Nível superior | Sem formação | TOTAL De indivíduos inquiridos 198 |
|-----------------------|--------------|-------------|----------------|--------------|--|
| Ano I | 24 | 3 | 0 | 28 | |
| Ano II | 27 | 9 | 4 | 23 | |
| Ano III | 23 | 4 | 5 | 28 | |
| Ano IV | 52 | 13 | 8 | 59 | |
| TOTAL De Respostas | 126 | 29 | 17 | 138 | TOTAL De Respostas 310 |

Tabela 14: Quadro ilustrativo da quarta questão



Esta abordagem, além de fornecer dados que confirma a questão que estamos trabalhando, também aponta para outros casos que possivelmente poderão ajudar a melhor a região em estudo. Tal situação nos remete à necessidade de se criar mais escolas no município em estudo a fim de se ensinar o uso correto do português e da língua Kimbundu na comunidade. Uma vez que a informação contida nos dados apurados e trazidos no quadro mostra e atribui os casos de interferência aos indivíduos sem formação.

Passando da quarta pergunta, eis que surge a quinta com o teor de fornecer-nos informações acerca de que língua tem sido a mais favorável no seu uso diário para a comunidade do Cazengo. A questão foi formulada da seguinte maneira:

5 - De entre o Kimbundu e o Português, qual delas tem sido a língua mais favorável da sua comunidade?

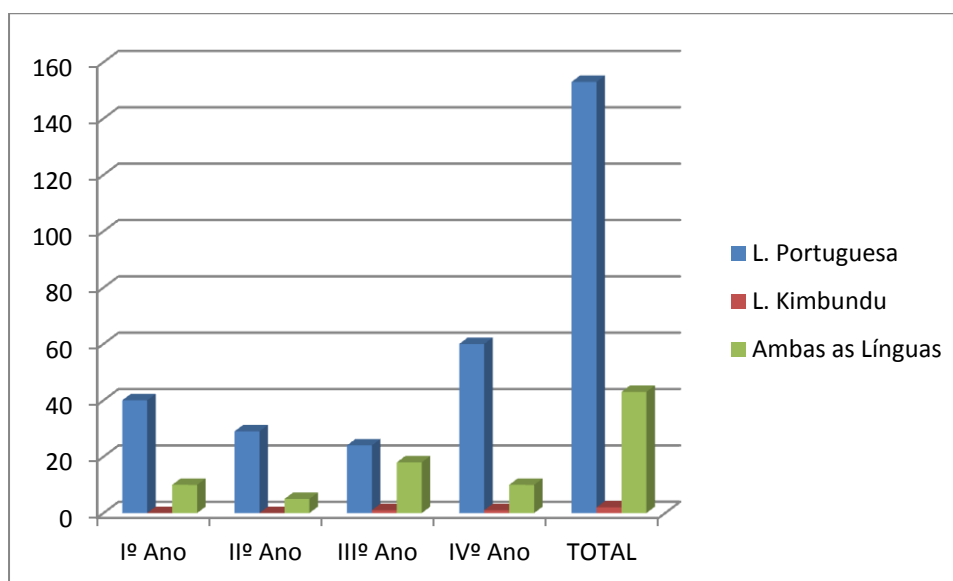
De igual modo, para esta questão inquerimos **198** estudantes apresentando-lhes três possibilidades, mas que sublinhassem apenas uma, a alínea que considerassem como conveniente à questão. Com esta prática obtivemos as seguintes respostas: Para alínea **A) Português**, **40** indivíduos do 1º ano, **29** indivíduos do 2º ano, **24** indivíduos para o 3º ano e **60** para o 4º ano, o que corresponde num total de **153** inquiridos. Aos que responderam a alínea **B) Kimbundu**, **0** do 1º ano, **0** do 2º ano, **1** do 3º ano e **1** do 4º ano correspondendo num total de **2** inquiridos. Para a alínea **(C) Ambas as línguas**, **10** indivíduos do 1º ano, **5** do 2º ano, **18** do 3º ano e **10** indivíduos para o 4º ano correspondendo num total de **43** inquiridos.

Podemos notar que a alínea (A) Português foi a mais votada dentre os inquiridos, o que mostra que os munícipes do Cazengo têm mais preferência em se comunicar na língua portuguesa em relação ao Kimbundu língua regional e local. Esta informação transmite-nos a consolidação das teses que temos assistido que defendem a presença da língua portuguesa em Angola como uma língua de unidade nacional e o seu carater único de língua veicular em

todos sectores sociais do país. Pois, o quadro e o gráfico que se seguem ilustram com maior precisão as diferenças percentuais entre ambas.

| Ano académico | L. Portuguesa | L. Kimbundu | Ambas as Línguas | TOTAL De indivíduos inquiridos |
|---------------|---------------|-------------|------------------|-----------------------------------|
| Ano I | 40 | 0 | 10 | |
| Ano II | 29 | 0 | 5 | |
| Ano III | 24 | 1 | 18 | |
| Ano IV | 60 | 1 | 10 | |
| TOTAL | 153 | 2 | 43 | 198 |

Tabela 15: Quadro ilustrativo da quinta questão



É bem visível a margem diferencial que a língua portuguesa conseguiu sobre a língua Kimbundu, o que serve de indicativo do seu grande uso como língua de unidade nacional, de desenvolvimento, e relações entre os munícipes e os demais povos.

A sexta questão procuramos saber dos inquiridos que língua dentre o Português e o Kimbundu tem servido como língua de interação social para a sua comunidade. Para que se tornasse mais participativo tivemos de formular a pergunta da seguinte maneira:

6 - Entre a língua Kimbundu e a língua portuguesa, qual julga ser capaz de manter uma melhor interação social na sua comunidade?

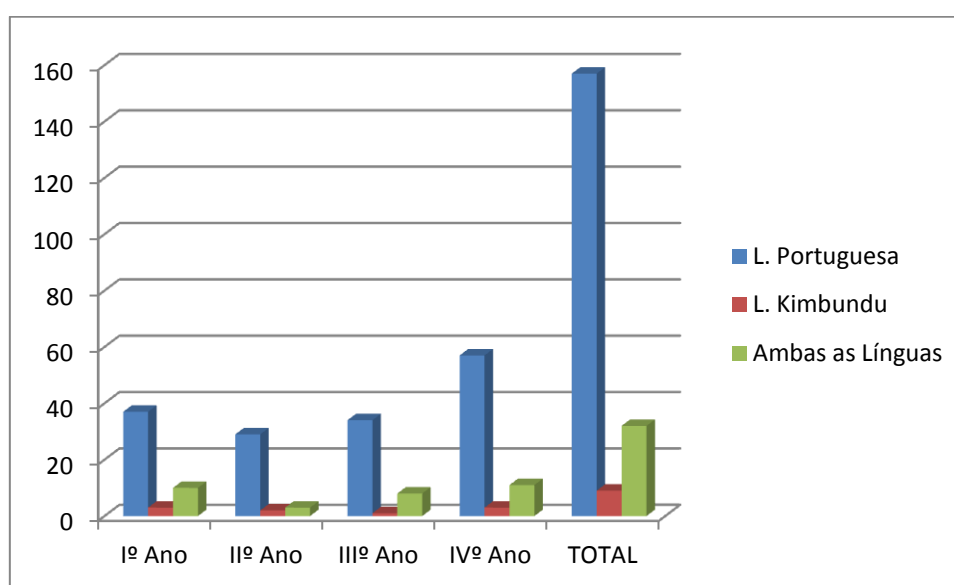
Para esta questão, inquirimos **198** estudantes, e obtivemos deles as seguintes respostas: alínea **A) Língua portuguesa**, **37** vindo do 1º ano, **29** do 2º ano, **34** do 3º ano e **57** do 4º ano correspondendo num total de **157** respostas. Para a alínea **B) Língua Kimbundu**, **3** do 1º ano, **2** do 2º ano, **1** do 3º ano e **3** do 4º ano correspondendo num total de **9** respostas. Já para a alínea **C) 10** para o 1º ano, **3** para o 2º ano, **8** para 3º ano e **11** para o 4º ano correspondendo num total de **32** respostas.

Depois de aplicarmos e recolhermos os inquéritos, confirmamos que a alínea **A)**, ou seja a língua portuguesa teve outra vez a supremacia diante da língua Kimbundu com uma

margem de votantes muito superior, o que indica que para além de ser a mais favorável para os munícipes, também é a língua que oferece maior interação social entre os membros da comunidade em estudo. Para melhor abordagem apresentaremos um quadro e um gráfico ilustrativo:

| Ano académico | L. Portuguesa | L. Kimbundu | Ambas as Línguas | TOTAL De indivíduos inquiridos |
|---------------|---------------|-------------|------------------|-----------------------------------|
| Ano I | 37 | 3 | 10 | |
| Ano II | 29 | 2 | 3 | |
| Ano III | 34 | 1 | 8 | |
| Ano IV | 57 | 3 | 11 | |
| TOTAL | 157 | 9 | 32 | 198 |

Tabela 16: Quadro ilustrativo da sexta questão



Este quadro prova que a língua portuguesa é a mais falada no meio social pelos munícipes do Cazengo, e é a que mais tem servido como língua de interação social desde a criança ao mais adulto.

A sétima pergunta, não difere muito da sexta, e procurou saber dos inqueridos, de entre a língua portuguesa e a língua Kimbundu, qua parece-lhes garantir uma melhor interação no campo profissional. Para melhor esclarecimento e que fosse mais pratico para o questionário que pretendíamos aplicar formulamos a pergunta da seguinte maneira:

7 - De entre Ambas as línguas, qual delas te parece mais favorável para uma melhor interação profissional?

Para a o melhor fornecimento das respostas indicamos três alíneas; A), B) e C), que descrevem, para alínea A) Língua portuguesa, para alínea B) Língua Kimbundu e para a alínea C) Ambas as línguas.

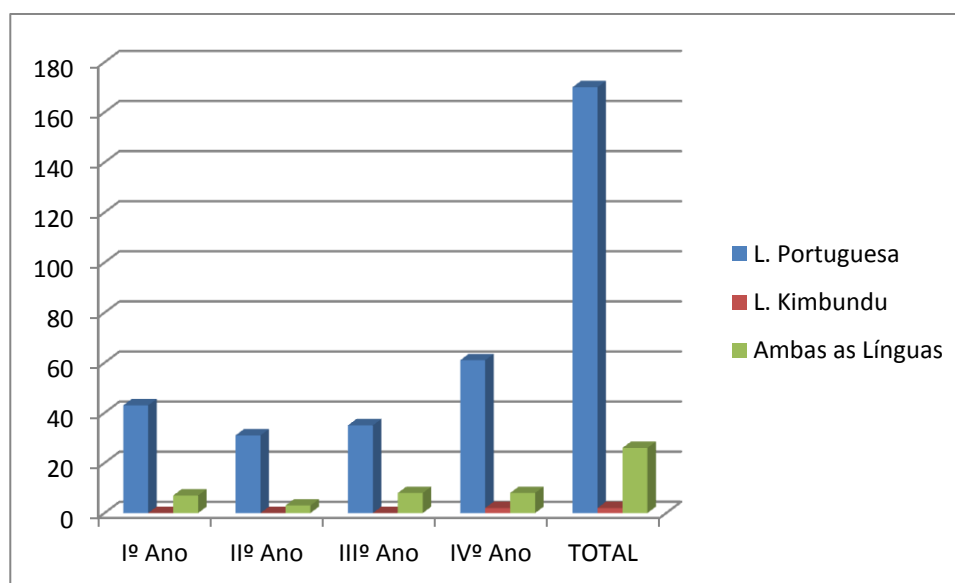
Para esta questão, inquirimos **198** estudantes, e obtivemos deles as seguintes respostas: alínea **A) Língua portuguesa**, **43** vindo do 1º ano, **31** do 2º ano, **35** do 3º ano e **61**

do 4º ano, correspondendo num total de **170** respostas. Para a alínea **B) Língua Kimbundu**, **0** do 1º ano, **0** do 2º ano, **0** do 3º ano e **2** do 4º ano, correspondendo num total de **2** respostas. Já para a alínea **C) 7** para o 1º ano, **3** para o 2º ano, **8** para 3º ano e **8** para o 4º ano, correspondendo num total de **26** respostas.

Tal como nas outras perguntas, os resultados obtidos mostram-nos que a alínea **(A)** Língua portuguesa coloca-se em vantagem diante da língua Kimbundu, com uma margem de votantes muito superior, o que indica que para além de ser a mais favorável no sector profissional para os munícipes, é a língua que oferece maior flexibilidade na busca dos conhecimentos por ser a detentora da escolarização e do emprego da comunidade em estudo. Assim como nos confirma o quadro e o gráfico que se seguem:

| Ano académico | L. Portuguesa | L. Kimbundu | Ambas as Línguas | TOTAL De individuos inquiridos |
|---------------|---------------|-------------|------------------|-----------------------------------|
| Ano I | 43 | 0 | 7 | |
| Ano II | 31 | 0 | 3 | |
| Ano III | 35 | 0 | 8 | |
| Ano IV | 61 | 2 | 8 | |
| TOTAL | 170 | 2 | 26 | 198 |

Tabela 17: Quadro ilustrativo da sétima questão



O quadro e o gráfico transcrito vêm reforçar a clareza das respostas dos inqueridos, e garantem a veracidade da pesquisa no que concerne os dados obtidos que apontam para uma margem de percentagem muito superior da língua portuguesa em relação a língua Kimbundu.

Estes números são claras evidências de que a língua portuguesa tem servido de instrumento preponderante para garantir a interação profissional em todos os sectores do município. Ao assumir este papel, automaticamente serve como veículo para o desenvolvimento da região, no sector comercial, tanto para com investidores nacionais

falantes das variadíssimas línguas do país, quanto para os investidores estrangeiros que tem afluído o mercado municipal.

Na oitava questão apuramos dos inquiridos que língua dentre o Português e o Kimbundu tem o melhor domínio. Numa forma mais simplificada apresentamos a pergunta da seguinte forma:

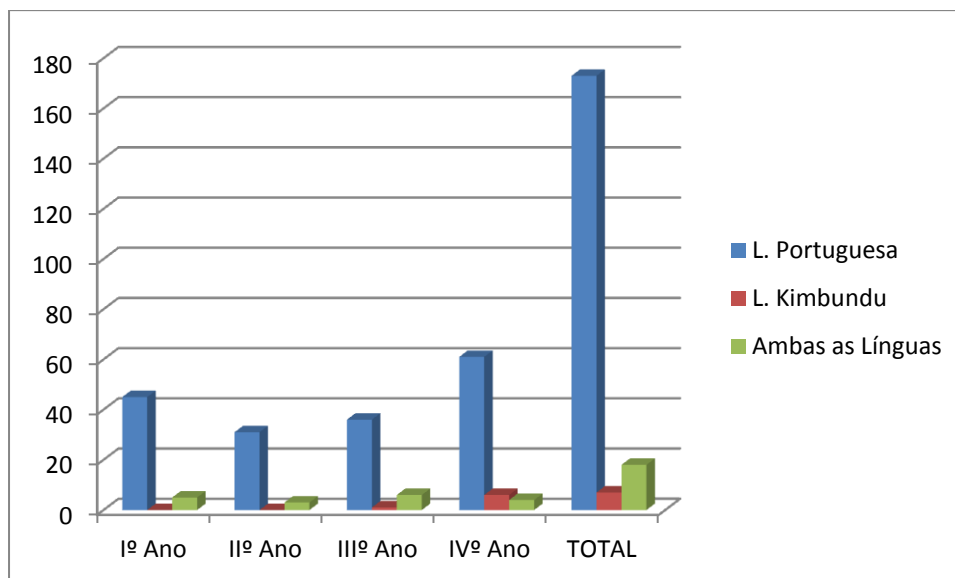
8 - Entre a língua Kimbundu e a língua portuguesa, qual das línguas tem um melhor domínio?

Para esta questão, inquirimos **198** estudantes, e obtivemos deles as seguintes respostas: alínea **A) Língua portuguesa**, **45** vindo do 1º ano, **31** do 2º ano, **36** do 3º ano e **61** do 4º ano correspondendo num total de **173** respostas. Para a alínea **B) Língua Kimbundu**, **0** do 1º ano, **0** do 2º ano, **1** do 3º ano e **6** do 4º ano correspondendo num total de **7** respostas. Já para a alínea **C) 5** para o 1º ano, **3** para o 2º ano, **6** para 3º ano e **4** para o 4º ano correspondendo num total de **18** respostas.

A averiguação dos dados inquiridos confirmam que a alínea **(A)** língua portuguesa teve a supremacia diante do Kimbundu, numa escala muito superior, o que indica que grande parte dos munícipes tem o melhor domínio da língua portuguesa em relação o Kimbundu sabido como língua étnica da comunidade. Tal como nas outras perguntas, a língua portuguesa assume-se com maiores vantagens diante do Kimbundu, mas por partilharem o meso espaço físico, não lhe afasta do fenómeno de interferência no seu uso normal. Assim como nos apresenta o quadro e o gráfico ilustrativo:

| Ano académico | L. Portuguesa | L. Kimbundu | Ambas as Línguas | TOTAL De indivíduos inquiridos |
|---------------|---------------|-------------|------------------|-----------------------------------|
| Ano I | 45 | 0 | 5 | |
| Ano II | 31 | 0 | 3 | |
| Ano III | 36 | 1 | 6 | |
| Ano IV | 61 | 6 | 4 | |
| TOTAL | 173 | 7 | 18 | 198 |

Tabela 17: Quadro ilustrativo da oitava questão



Os números apresentados no quadro e no gráfico ilustram-nos de forma clara as evidências de que a língua portuguesa é a língua que se caracteriza com maior domínio por parte dos munícipes do Cazengo em Ndalatando, província do Kwanza Norte. Esta considerada vantagem da língua portuguesa sobre o Kimbundu é fruto de certas políticas que o estado angolano tomara com relação a língua portuguesa. Por assumir o estatuto de língua de escolarização, língua veicular, etc., etc.

Para a nona pergunta, procuramos saber dos inquiridos onde aprendeu a falar tal língua. Refere-se a Língua portuguesa que foi a mais votada em relação o Kimbundu. Numa forma mais simplificada apresentamos a pergunta da seguinte forma. Para melhor cumprimento do estudo formulamos a pergunta da seguinte maneira:

9 - Onde aprendeu a falar tal língua? Usa (X) no quadrado da alínea que considerar mais conveniente. A) Em casa, B) Na escola, C) Na comunidade e a alínea D) Em casa e na escola.

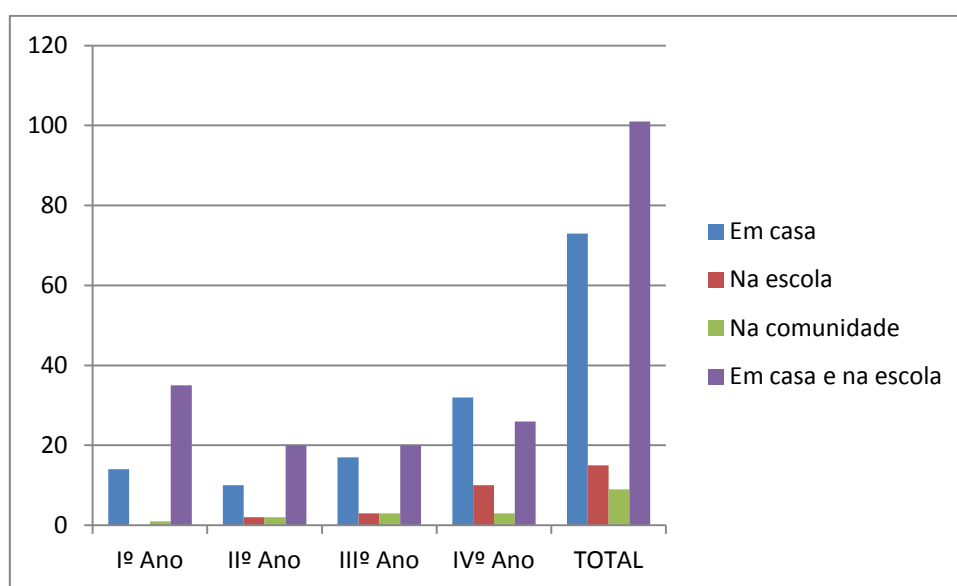
Para esta questão inquerimos **198** estudantes, orientamo-los que pudessem sublinhar apenas a alíneas que considerassem como conveniente à questão. Com esta prática obtivemos as seguintes respostas: Para alínea **A) Em casa**, **14** indivíduos do 1º ano, Para o 2º ano foram **10** indivíduos, para o 3º ano foram **17** indivíduos e para o 4º ano **32** indivíduos, o que corresponde num total de **73** inquiridos. Aos que responderam a alínea **B) Na escola**, **0** para o 1º ano, **2** para o 2º ano, **3** para o 3º ano e **10** para o 4º ano correspondendo num total de **15** inquiridos. Para a alínea **C) Na comunidade**, **1** indivíduos para 1º ano, **2** para o 2º ano, **3** para o 3º ano e **3** indivíduos para o 4º ano correspondendo num total de **9** inquiridos. Para a última alinha, a alínea **D) Em casa e na escola**, **35** indivíduos para o 1º ano, **20** indivíduos para o 2º ano, **20** para o 3º ano e **26** para o 4º ano, o que corresponde num total de **101** inquiridos.

Observando os dados acima, não há dúvidas de que a alínea D) detém a maior taxa de votação, o que mostra mais uma vez que a maioria dos munícipes do Cazengo têm

apreendido a falar a língua portuguesa em casa com os pais e irmãos e também na escola, conforme é completamente visível no quadro e no gráfico que se seguem:

| Ano académico | Em casa | Na escola | Na comunidade | Em casa e na escola | TOTAL De indivíduos inquiridos |
|---------------|---------|-----------|---------------|---------------------|-----------------------------------|
| Ano I | 14 | 0 | 1 | 35 | |
| Ano II | 10 | 2 | 2 | 20 | |
| Ano III | 17 | 3 | 3 | 20 | |
| Ano IV | 32 | 10 | 3 | 26 | |
| TOTAL | 73 | 15 | 9 | 101 | 198 |

Tabela 18: Quadro ilustrativo da nona questão



Segundo a leitura dos resultados da pesquisa desta pergunta a alinha D) aparece como a possibilidade mais votada pelos inquiridos, o que revela que a maioria dos munícipes do Cazengo aprenderam a língua portuguesa em casa e na escola. Em casa presumisse que é no seio da família onde partiu o iniciado do português e na escola como complemento da sua execução.

A décima questão do nosso questionário levou-nos a refletir com os inquiridos a temática da língua materna. Para melhor formularmos a pergunta aos estudantes, raciocinamos com eles da seguinte forma:

10 - Qual das duas línguas, entre a língua portuguesa e o Kimbundu, considera como sendo a sua língua materna?

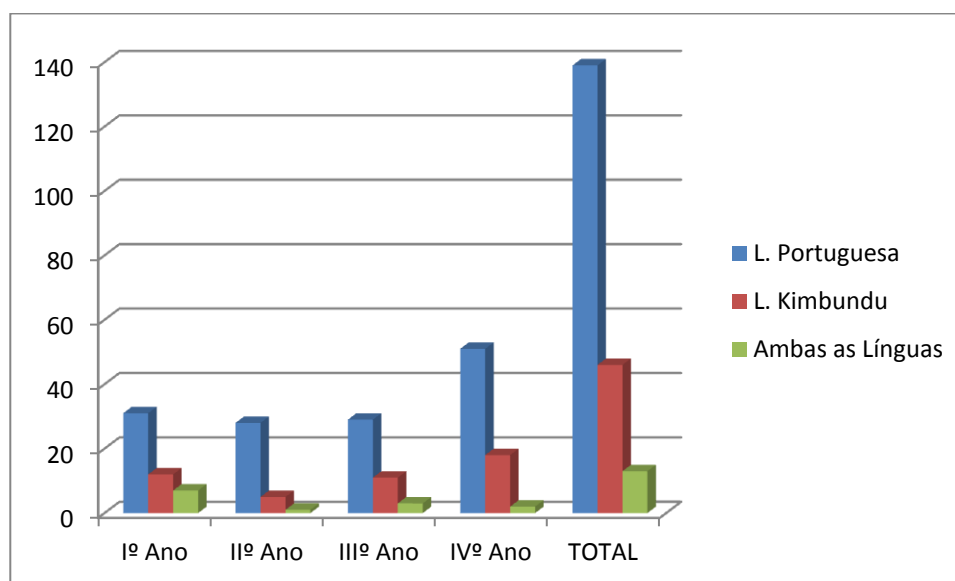
Para esta questão, inquirimos **198** estudantes, e deles obtivemos as seguintes respostas: alínea **A) Língua portuguesa**, **31** vindo do 1º ano, **28** do 2º ano, **29** do 3º ano e **51** do 4º ano, correspondendo num total de **139** respostas. Para a alínea **B) Língua Kimbundu**,

12 do 1º ano, 5 do 2º ano, 11 do 3º ano e 18 do 4º ano, correspondendo num total de 46 respostas. Já para a alínea C) 7 para o 1º ano, 1 para o 2º ano, 3 para 3º ano e 2 para o 4º ano, correspondendo num total de 13 respostas.

Diante do resultado obtido confirma-se a supremacia da alínea (A), Língua portuguesa, com mais votos em relação às outras duas alíneas. Esta classificação serve como indicador de que a língua portuguesa é a língua materna de maioria dos munícipes do Cazengo, e não descarta a possibilidade de dar-se o caso, tendo em conta a situação que averiguamos na oitava e nona questão, que apontam para o seguinte: Oitava pergunta apurou-se que os munícipes têm o maior domínio da língua portuguesa em relação o Kimbundu e a nona mostra que o têm aprendido em casa no seio dos pais e na escola como a língua de escolarização. Para confirmar, apresentamos o seguinte quadro e gráfico ilustrativo:

| Ano académico | L. Portuguesa | L. Kimbundu | Ambas as Línguas | TOTAL De indivíduos inquiridos |
|---------------|---------------|-------------|------------------|-----------------------------------|
| Ano I | 31 | 12 | 7 | |
| Ano II | 28 | 5 | 1 | |
| Ano III | 29 | 11 | 3 | |
| Ano IV | 51 | 18 | 2 | |
| TOTAL | 139 | 46 | 13 | 198 |

Tabela 19: Quadro ilustrativo da décima questão



A alínea A aparece com maior número de votantes, o que nos indica que a língua portuguesa é a língua materna de maioria dos munícipes do Cazengo. Muitas outras razões estão bem claras nos resultados das perguntas anteriores evidenciando a responsabilidade científica do estudo para que se pudesse com exatidão apurar os conhecimentos que pretendíamos alcançar neste estudo.

A última, décima primeira questão do nosso questionário visou saber dos inquiridos a importância da correta aprendizagem das línguas em causa. Para que a pergunta fosse bem articulada à compreensão dos inquiridos fizemo-la da seguinte maneira:

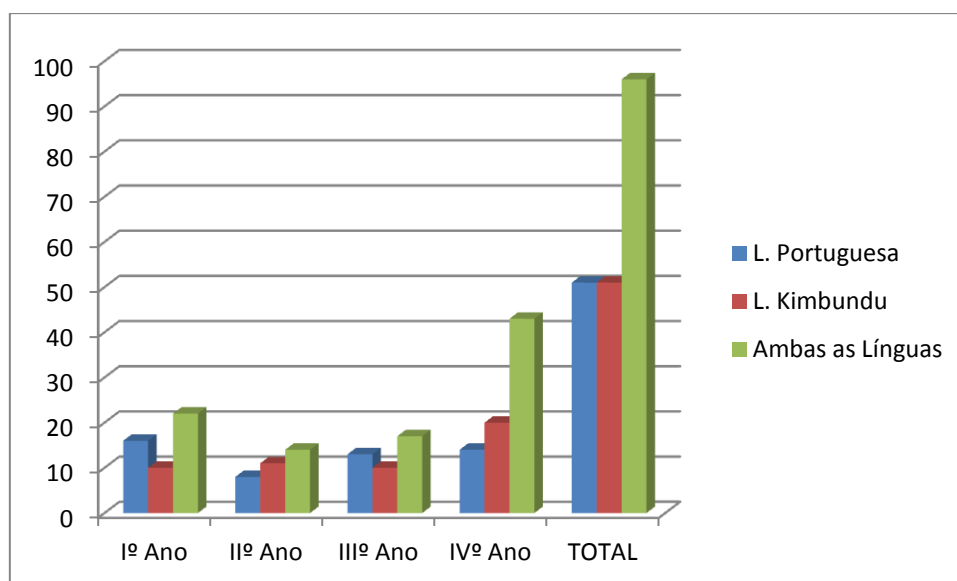
11 - Que língua gostaria de aprender corretamente em todos os seus domínios?

Tal como praticamos nas perguntas anteriores, não foi diferente para a última questão. Inquerimos **198** estudantes dando-lhes a possibilidade de escolherem apenas uma das três alíneas que compunham a pergunta. Com esta prática obtivemos as seguintes respostas: Para alínea **A) Língua Portuguesa**, **16** indivíduos para o 1º ano, **8** indivíduos para o 2º ano, **13** indivíduos para o 3º ano e **14** para o 4º ano, o que corresponde num total de **51** inquiridos. Aos que responderam a alínea **B) Língua Kimbundu**, **10** para o 1º ano, **11** para o 2º ano, **10** para o 3º ano e **20** para o 4º ano correspondendo num total de **51** inquiridos. Para a alínea **C) Ambas as línguas**, **22** indivíduos para o 1º ano, **14** para o 2º ano, **17** para o 3º ano e **43** indivíduos para o 4º ano correspondendo num total de **96** inquiridos.

Para esta pergunta a alínea mais votada foi a (C), o que mostra que os munícipes do Cazengo têm o desejo de apreender corretamente a falar e escrever em ambas as línguas, não descartando a possibilidade de haver alguns casos preferenciais mais que não são tão acentuados o que é próprio de uma diversidade linguística. Com estes dados apurados levantamos o caso da necessidade de se criar condições e estratégias políticas e matérias para que se efetive a vontade da maioria do munícipes do Cazengo, vontade esta, de aprenderem corretamente em todos os domínios as duas línguas em questão, o português e o Kimbundu. Caso esta vontade passe de um simples quere para uma realidade a comunidade estará em grande parte ciente dos casos de interferências linguísticas que se tem vivenciado no uso normal da língua de grande parte da população do município em estudo. Pois o quadro e o gráfico que se seguem ilustram com maior clareza a vontade dos munícipes no preenchimento dos questionários.

| Ano académico | L. Portuguesa | L. Kimbundu | Ambas as Línguas | TOTAL De indivíduos inquiridos |
|---------------|---------------|-------------|------------------|-----------------------------------|
| Ano I | 16 | 10 | 22 | |
| Ano II | 8 | 11 | 14 | |
| Ano III | 13 | 10 | 17 | |
| Ano IV | 14 | 20 | 43 | |
| TOTAL | 51 | 51 | 96 | 198 |

Tabela 20: Quadro ilustrativo da décima primeira questão



Diante dos resultados, o quadro e o gráfico confirmam a alínea (C), Ambas as línguas, como a mais votada dentre as outras alíneas. Esta classificação vem claramente indicar de que os munícipes do Cazengo manifestam a vontade de quererem aprender concomitantemente o Kimbundu e o Português como sendo ambas suas línguas, de afeto, de escolarização de unidade e por direito constitucional. A escolha da alínea C) reforça a vontade dos munícipes do Cazengo, no que diz respeito ao desejo de apreender corretamente a falar e escrever em ambas as línguas. Fornece-nos dados que dão-nos a possibilidade de resolvermos os problemas que tem a ver com as desigualdades de tratamentos entre as línguas em estudos.

Esta informação vem fechando o ciclo de questões que nos propusemos a discutir ao longo do nosso trabalho.

CONCLUSÃO

Considerada a pesquisa e tendo em conta as informações dela obtidas, não foi fácil apresentar um trabalho científico que contemplasse as exigências da linguística. Para que tivéssemos uma abordagem mas cuidada e sucinta do tema que trouxemos em alusão, nos posicionamos nos aspetos que achamos chaves do tema e colocamo-los em serviço da pesquisa. Caraterizamos a região, sua situação sociolinguística, e conceptualizamos os temas importantes do trabalho enquadrando-os devidamente no contexto da região em estudo, e concomitantemente discutimos os casos de interferências que trouxemos como problemática em estudo.

Com base nos estudos que realizamos foi-nos apazível saber ilustrar os resultados obtidos da pesquisa e apresentarmos com maior cuidado e rigor científico os inventários lexicográficos da língua Kimbundu levantados como amostras de interferências da língua Kimbundu no português falado no município do Cazengo.

Consideramos também os elementos distintivos entre a língua Kimbundu e a língua portuguesa, apuramos que seus elementos gramaticais e de escrita não convergem. Pois este estudo serviu também de base para compreendermos os factos do passado da comunidade e forneceu-nos dados sobre a história e a civilização do município em estudo. Outrossim, permitiu-nos encontrar dados que fornecem possibilidades darmos um tratamento igual entre as línguas em questão, de modos a serem colocadas nos sistema de ensino afastando a hipótese de uma vir a ser superior em ralação a outra ou que seja a única língua veicular e com o estatuto de unificação territorial.

A fim de alcançarmos os objetivos do nosso estudo, recorreremos aos princípios metodológicos para tratamentos de dados científicos desta natureza. Métodos que conduziram-nos à exequível realização do nosso trabalho.

Contribuições do Estudo

O Esclarecimento deste tema levará os munícipes do Cazengo e outras comunidades vizinhas à compreensão de que a convivência de línguas diferentes no mesmo espaço geográfico pode desencadear em situações de interferências linguísticas, mas que não se constitui em um obstáculo para que se possa aprender corretamente as mesmas. Não só, permitirá também que se conheça a história, cultura, situação linguística e a geografia da região, fornecendo pistas que ajudará a descobrir as especificidades linguísticas atuais do município, que servirá de uma luz para futuras pesquisas.

Limitações do Estudo

Este trabalho propôs-se a abordar o caso de interferência da língua Kimbundu no português falado no Kwanza Norte, alguns casos no município do Cazengo, caraterizou o município considerando alguns elementos distintivos da sua situação linguística.

Recomendações

Que haja mais incentivos nas academias e governos com base na criação de políticas que visam despertar interesse e vontade nos académicos, de modos que, num futuro bem mais próximo surja uma onda de estudos empenhados nesta área da linguística. Doravante que o nosso trabalho sirva de uma das pontes a ser usada nesta empreitada.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Thais Holanda. *Estudo das formas aumentativas e diminutivas em português arcaico*. Dissertação de mestrado. Faculdade de letras-Unesp/Araraquara-SP, Araraquara, 2012.
- ALMEIDA, José Miguel Pinto. *A Transferência Linguística e a tradução: Barreira à tradução ou eficaz solução comunicativa?* Dissertação de mestrado. Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Porto, junho de 2001.
- CARDOSO, Ana Josefa Gomes. *As Interferências Linguísticas do Caboverdiano no Processo de aprendizagem do Português*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta, Lisboa, 2005.
- CASANOVA, Isabel. *Dicionário terminológico - Compreender a TLEBS (Terminologia Linguística para o ensino Básico e Secundário)*. Editora Plátano, Lisboa, 2009.
- CASSANGE, António Félix. *A influência lexical recíproca entre as línguas Kimbundu e portuguesa*. Dissertação de mestrado. Universidade Agostinho Neto - Faculdade de Letras, Luanda, 2016.
- CASTRO, Ivo. *Introdução à história do Português*. Edições Colibri, Lisboa, 2004.
- COSTA, Teresa Camacha José. *“Umbundismo no Português de Angola, proposta de um dicionário de Umbundu”*. Tese de doutoramento. Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de ciências Sociais e Humanas, Lisboa, Abril de 2015.
- DANIEL, Hilton. O. F. *Interculturalismo: Fator de Aprendizagem do Português Língua Segunda - Língua Estrangeira em Luanda*. Dissertação de mestrado. Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa 2017.
- FERRAZ, Maria José. *Ensino da língua materna*. Editora Caminho, janeiro de 2007.
- JESUS, Maria do Céu Freitas Gomes e Silva. *Estudo de caso: O uso da Língua portuguesa por jovens provindos de outros países nos domínios privado, público e educativo*. Universidade Aberta, Lisboa 2012.
- Lakatos e Marconi (2007:86) apud PRADANOV, Cleber Cristiano e DE FREITAS, Ernani Cesar. *Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho*. 2ª Edição. Universidade FEEVALE, Novo Hamburgo-Rio Grande do Sul-Brasil 20013.
- LOPES, Amália Maria Vera-Cruz. *As línguas de Cabo Verde: Uma Radiografia Sociolinguística*. 1ª Edição. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Lisboa 2016.
- LOPES, João Pedro Ferreira. *O papel do bilinguismo no processo de difusão das línguas*. Dissertação de mestrado. Universidade de Aveiro, Aveiro 2014.
- MARTINET, André. *Éléments de linguistique générale*. París Armand Colin, 1970.
- MAVRAK, Maja. *A interação verbal nas aulas de PLE-nível A1.2: análise da interação professor- Aluno em sequências iniciais*. Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Porto 2012.
- MEGALE, Antonieta Heyden. *“Bilinguismo e Educação bilingue - discutindo conceitos.”* *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL*. V. 3, n. 5, agosto de 2005.

- MENEZES, Leonarda. “Descosturando a Língua: o caso da mudança e das Interferências Linguísticas no Português de Moçambique.” *Revista Odisseia* - PPGEL /UFRN, 2010.
- MINGAS, A. A. *Interferência do Kimbundu no Português Falado em Lwanda*. Campo das Letras - Editores S.A., 2000.
- MONTEIRO, José Lemos. “Influências e Domínio de uma Língua Sobre Outras.” *Matraga*, rio de janeiro, v. 17, n. 26, jan/jun. 2010.
- NGUNGA, Armindo. “Interferência de Línguas Moçambicanas em Português falado em Moçambique”. *Revista Científica da Universidade Eduardo Mondlane*, Série: Letras e Ciências Sociais, vol. No 0, 2012.
- PERES, Daniel. - *Apontamento de Morfologia das Línguas Nacionais Africanas*. Universidade Agostinho Neto, Faculdade de Letras, Luanda 2006.
- PRADANOV, Cleber Cristiano e DE FREITAS, Ernani Cesar. *Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho*. 2ª Edição. Universidade FEEVALE, Novo Hamburgo-Rio Grande do Sul-Brasil 20013.
- RAPOSO, Eduardo, B. P. et al. - *Gramática do Português Volume I Fundação Calouste Gulbenkian*. 1ª Edição, Lisboa 2013.
- ROBLES, Ana María del Pilar Altamiro. *Interferência linguística e Interlíngua: A aprendizagem de português Língua Estrangeira por peruanos hispanofalantes*. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, 2016.
- SANTANA, Messias dos Santos. *O Sufixo diminutivo em português: Funcionamento e significação - do século XIII ao XX*. Tese de doutoramento. Universidade S. Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, S. Paulo 2017. 910 folhas.
- SARAIVA, Arnaldo - *Bilinguismo e Literatura*. Composição e impressão de rocha/artes gráficas - Vila nova de Gaia 2014.
- SASSOMA, José Maria. *Interferência da Língua Umbundu na língua portuguesa na região de Benguela*. Dissertação de mestrado. Universidade Buila Katyavala, Instituto Superior de Ciências da Educação ISCED-Benguela, Benguela 2015.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral* . Edição póstuma, 1992.
- SPINASSÉ, Karen Pupp. *As interferências da Língua Materna e o aprendizado do Alemão como Língua Estrangeira por crianças bilíngues*. Pandaemonium germanicum, 2006.
- SPINASSÉ, Karen Pupp. “Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas minoritárias no Sul do Brasil”. *Revista Contingentia*, 2006.
- SUISSE, Abdelilah. *Transferência linguística na aprendizagem do Português como terceira língua estrangeira por estudantes universitários marroquinos*. Universidade de Aveiro, 20016.
- TAVARES, Clara Ferrão. *Didática do Português - Língua Materna e não Materna- No Ensino Básico*. Editora Porto 2007.
- VÁZQUEZ, Inácio. “Do monolinguismo medieval ao bilinguismo (diglósico) atual. Interferência e consciência linguística em textos galegos antigos”. Universidade de Barcelona, *Revista científica ESEC*. 2013.

Apêndice

NOME:

IDADE:

ANO A FREQUENTAR

SEXO

1 - Concorda que uma boa parte da População da sua comunidade é bilingue, ou seja, têm usado a língua Kimbundu e a Portuguesa no seu dia-a-dia? (C) concordo e (D) discordo.

2 - Na sua opinião, em que lugar é mais frequente o uso do bilinguismo. Usa (X) no quadrado que lhe convier.

A - Na família.

B - No grupo social, ou seja, na rua.

C - Na Igreja.

D - Na escola.

E - No emprego.

3 - Concorda que algumas pessoas na sua comunidade têm usado as seguintes expressões: (C) concordo e (D) discordo.

A - Em casa tem arroz, Fuba, mas não há xpeixe.

B - O Avô tinha muitas xcasa.

C - Este miúdo gosta de atirar xpedra.

D - Os pai dele já estão cansados de receber xqueixa.

E - Vem comprar na barraca da tua mãe meu filho de homem.

F - Também tem xcoisa para filho pequeno.

G - Olha para estes tucarro.

H - Ele já é um kihomem.

I - É um kamiúdo.

4 - Pode indicar o nível de instrução das pessoas que usam as expressões acima referidas, usando (X) no quadrado da alínea que considerar mais conveniente.

A - Nível básico.

B - Nível médio.

C - Nível superior.

D - Sem formação.

5 - Usa (X) no quadrado que julga que se enquadra na seguinte questão: de entre o Kimbundu e o Português, qual delas tem sido a língua mais favorável da sua comunidade?

A - Português

B - Kimbundu

C - Em ambas

6 - Entre a língua Kimbundu e a língua portuguesa, qual julga ser capaz de manter uma melhor interação social na sua comunidade? Usa (X) no quadrado da alínea que considerar mais conveniente.

- A - Português ☐
- B - Kimbundu ☐
- C - Em ambas ☐

7 - De entre Ambas as línguas, qual delas te parece mais favorável para uma melhor interação profissional? Usa (X) no quadrado da alínea que considerar mais conveniente.

- A - Português ☐
- B - Kimbundu ☐
- C - Ambas ☐

8 - Qual das línguas tem um melhor domínio?

- A - Português ☐
- B - Kimbundu ☐
- C - Em ambas ☐

9 - Onde aprendeu a falar tal língua? Usa (X) no quadrado da alínea que considerar mais conveniente.

- A - Em casa ☐
- B - Na escola ☐
- C - Na comunidade ☐
- D - Em casa e na escola ☐

10 - Qual das duas línguas considera como sendo a sua língua materna? Usa (X) no quadro da alinha que julga conveniente.

- A - Português ☐
- B - Kimbundu ☐
- C - Em ambas ☐

11 - Que língua gostaria de aprender corretamente em todos os seus domínios? Usa (X) no quadrado da alínea que considerar conveniente.

- A - Português ☐
- B - Kimbundu ☐
- C - Em ambas ☐

Este questionário é destinado para efeitos de elaboração de trabalho académico, pelo que agradecemos a sua colaboração.